

SYLVAIN ANAGONOU

# ESTUDO DO MARCADOR WE SOB O PONTO DE VISTA DA TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS



**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
Carlos Alberto Reyes Maldonado

**EDITORA**  
UNEMAT

SYLVAIN ANAGONOU

**ESTUDO DO MARCADOR  $W\mathcal{E}$  SOB O PONTO DE VISTA DA  
TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS**

**UNEMAT**  
*Universidade do Estado de Mato Grosso*  
*Carlos Alberto Reyes Maldonado*



Cáceres - MT  
2021

**PRODUÇÃO EDITORIAL**  
**EDITORA UNEMAT 2021**

Copyright Sylvain Anagonou, 2021.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

**Editora:** Maria José Landivar de Figueiredo Barbosa

**Capa:** Potira Manoela de Moraes

**Diagramação:** Potira Manoela de Moraes

A532e Anagonou, Sylvain,  
Estudo do marcador *WE* sob a ponto de vista da Teoria das Operações  
Predicativas e Enunciativas / Sylvain Anagonou. – Cáceres, Editora  
UNEMAT, 201.


64 p. il.

ISBN 978-65-86866-53-7

1. Língua Africana. 2. Língua *Fon*. 3. Marcador *WE*. 4. Teoria das  
Operações Predicativas e Enunciativas. 5. TOPE. I. Título.

CDU 81'27(668.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

|  |  |
|--|--|
|  <p><b>UNEMAT</b><br/>Universidade do Estado de Mato Grosso<br/>Carlos Alberto Reyes Maldonado</p> <p><b>Reitor</b><br/>Rodrigo Bruno Zanin</p> <p><b>Vice-reitora</b><br/>Nilce Maria da Silva</p> | <p><b>EDITORA UNEMAT</b></p> <p><b>Conselho Editorial</b><br/><b>Presidente</b><br/>Maria José Landivar de Figueiredo Barbosa</p> <p><b>Conselheiros</b><br/>Ana Maria de Lima • Carla Monteiro de Souza • Célia Regina Araújo Soares Lopes • Denise da Costa Boamorte Cortela<br/>• Fabiano Rodrigues de Melo • Ivete Cevallos • Judite de Azevedo do Carmo • Jussara de Araújo Gonçalves<br/>• Maria Aparecida Pereira Pierangeli • Milena Borges de Moraes • Teldo Anderson da Silva Pereira<br/>• Wagner Martins Santana Sampaio</p> <p><b>Suplentes</b><br/>André Luiz Nonato Ferraz • Graciela Constantino • João Aguilar Massaroto • Karina Nonato Mocheuti<br/>• Maria Cristina Martins de Figueiredo Bacovis • Nilce Maria da Silva • Ricardo Keich Umetsu<br/>• Sérgio Santos Silva Filho</p> <p>Av. Tancredo Neves, 1095 – Cavanhada III – Cáceres-MT – CEP 78217-900 –<br/>Fone: (65) 3221-0023 – editora@unemat.br – <a href="http://www.unemat.br">www.unemat.br</a></p> |
|--|--|

Á

Dieu, mon Refuge, mon Rempart ;

Mon Dieu, dont je suis sûr.

## **AGRADECIMENTOS**

Aclame a Deus, ó terra inteira, toque em honra do seu nome, cante hinos à sua glória (Salmo 66: 2).

Primeiro, agradeço ao Senhor pelo sopro de vida, sua proteção renovada e seus prodígios na minha vida.

Aos meus pais, por terem me educado no caminho da integridade, por incutido em mim o sentido de conquistar a diversidade intelectual.

Ao Professor Doutor Albano Dalla Pria, que aceitou me conduzir neste caminho de pesquisa que deu origem a este livro.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso PPGL/UNEMAT, que me forneceram as ferramentas necessárias para este trabalho.

A todos os meus amigos, ainda que sobrecarregados das tarefas diárias, sempre tiveram palavras e ações confortantes para me animar.

A todos aqueles que garantidamente me ajudaram para o sucesso deste projeto. A todos eles, o meu muito obrigado.

Você será um homem meu filho...

Se você puder ver a obra da sua vida destruída,  
E sem dizer uma palavra, começar a reconstruir,  
Ou perder em um só golpe, o ganho de uma centena de partidas,  
Sem um gesto e sem um suspiro.

Se você puder ser um amante sem ficar louco de amor,  
Se você puder ser forte sem deixar de ser terno,  
E, se sentindo odiado, sem odiar, no que lhe concerne,  
Ainda que lute e se defenda.

Se você puder suportar ouvir suas palavras,  
Disfarçadas de mendigo, para excitar tolos,  
E para ouvir mentiras sobre você de suas bocas loucas,  
Sem você mentir com uma só palavra.

Se você puder permanecer digno, sendo popular,  
Se você puder permanecer povo, aconselhando reis,  
E se você puder amar todos os seus amigos como irmão,  
Sem nenhum deles ser tudo para você.

Se você souber, meditar, observar e conhecer,  
Sem nunca se tornar cético ou destrutivo,  
Sonhar, mas sem deixar seu sonho ser seu mestre,  
Pensar, sem ser apenas um pensador.

Se você puder ser duro sem nunca ficar com raiva,  
Se você puder ser corajoso e nunca imprudente,  
Se você souber como ser bom, se você souber ser sábio,  
Sem ser moral ou pedante.

Se você puder encontrar Triunfo após a derrota,  
E receber esses dois mentirosos na mesma frente,  
Se você puder manter sua coragem e sua cabeça,  
Quando todos os outros irão perdê-los.

Então Reis, Deuses, Sorte e Vitória para  
sempre serão seus escravos submissos,  
E, o que é melhor que Reis e Glória,  
Você será um homem, meu filho.

Grand Corps Malade e Muvrini (2011)

## PREFÁCIO

A satisfação com que prefaciamos o livro “Estudo do marcador *wɛ* sob o ponto de vista da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas” de Sylvain Anagonou se justifica por diferentes razões. Apenas para o início de conversa, destacamos o seu ineditismo resultante de uma pesquisa de mestrado nacional amparada pela teoria cujo nome se estampa no próprio título do compêndio.

Não podemos falar dessa obra sem nos remetermos ao que lhe deu origem. Afinal, é sabido que boa parte do que hoje se conhece da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) no Brasil teve início nos anos oitenta do século passado quando a linguista Letícia Marcondes Rezende fazia suas primeiras publicações dos resultados de seu doutoramento realizado na Universidade de Paris VII sob a orientação de Antoine Culioli, fundador da TOPE e autor intelectual dos quatro tomos (1990, 1999a, 1999b, 2018) de *Pour une linguistique de l' énonciation* que são o núcleo duro dessa linha de reflexão.

Se quisermos investir no contexto, devemos apreciar o livro de Sylvain Anagonou por que:

É um livro que ajuda firmar e divulgar a terceira geração de estudiosos de TOPE no Brasil.

É o resultado do investimento pessoal e acadêmico de Albano Dalla Pria que, além de ter orientado a pesquisa com maestria inalienável, foi responsável pela consolidação do primeiro grupo de estudos culiolianos no centro-oeste brasileiro.

É fruto de um Programa de Pós-Graduação em Linguística (a saber, da Universidade do Estado de Mato Grosso) que tanto acreditou na relevância da linha de pesquisa que o sustenta quanto forneceu todos os subsídios para a sua publicação.

É a primeira dissertação de mestrado brasileira ancorada na TOPE que investiga uma língua africana.

Já se quisermos investir no conteúdo, devemos apreciar o livro de Sylvain Anagonou pelo o que ele traz de genuíno para a pesquisa em Linguística. Afinal, a proposta de investigação do marcador *wɛ* da língua *fɔn* do Benim coloca em pauta as características que julgamos essenciais da TOPE e que vimos defendendo ao longo da nossa trajetória acadêmica. São três:

### I. A desconstrução em Linguística.

Esse ponto destaca os processos de categorização e de emancipação teórica em relação ao estruturalismo europeu, ainda que possamos colocar a TOPE numa posição neoestrutural por ter conseguido dar conta do problema do conceito de signo saussuriano quando se colocou em discussão o processamento da forma e não a forma em si.

### II. A articulação de domínios

Esse ponto dá continuidade ao anterior à medida que rompe polarizações pouco elucidativas para uma Linguística da produção, que é o caso da de Culioli e discípulos. Assim, língua e linguagem, léxico e gramática e formal e empírico são indissociáveis para a análise linguística.

### III. O dinamismo da linguagem e a gramática operatória

O último ponto é o que aproxima a TOPE de uma antropologia da linguagem e da didática das línguas naturais. Para ela a linguagem é dinâmica uma vez que é uma atividade significante e de

elaboração de representações. A gramática é operatória uma vez que privilegia as operações que levam às categorizações numa dada língua, o que traz à tona o funcionamento da própria linguagem.

Após essa sucinta justificativa, finalizamos dizendo ao leitor que busca na ciência da linguagem os subsídios para se pensar o homem a partir do que ele deixa de si e para si na matéria verbal o livro que aqui prefaciamos é um caminho no mínimo interessante.

***Marcos Luiz Cumpri***



# SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>AGRADECIMENTOS</b> .....                                       | <b>5</b>  |
| <b>PREFÁCIO</b> .....   | <b>7</b>  |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>11</b> |
| <b>1 UMA DESCRIÇÃO DE PESQUISAS SOBRE O WE</b> .....              | <b>13</b> |
| 1. 1 FON.....   | 14        |
| 1.2 A Unidade Linguística WE em Perspectiva.....                  | 14        |
| 1.2.1 A Unidade WE Segundo Fadaïro .....                          | 14        |
| 1.2.2 A Unidade WE Segundo Avolonto .....                         | 16        |
| 1.2.3 A Unidade WE Segundo Fabb .....                             | 17        |
| 1.2.4 A Unidade WE Segundo Kinyalolo .....                        | 18        |
| 1.2.5 A Unidade WE Segundo Ndayiragije.....                       | 19        |
| 1.2.6 A Unidade WE Segundo Lefebvre.....                          | 21        |
| <b>2 A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS</b> ..... | <b>25</b> |
| 2.1 As Preliminares de um Novo Horizonte Linguístico .....        | 25        |
| 2.2 Os Fundamentos da Teoria dos Observáveis .....                | 26        |
| 2.2.1 Linguística. Linguagem e Línguas .....                      | 27        |
| 2.2.1.1 A Atividade de Representação.....                         | 28        |
| 2.2.1.2 A Atividade de Referenciação .....                        | 29        |
| 2.2.1.3 A Atividade de Regulação.....                             | 30        |
| 2.2.2 O Processo de Construção do Enunciado .....                 | 31        |
| 2.2.2.1 A Léxis .....   | 33        |
| 2.2.2.2 A Relação Primitiva.....                                  | 34        |
| 2.2.2.3 A Relação Predicativa .....                               | 36        |
| 2.2.2.4 A Relação Enunciativa .....                               | 37        |
| 2.2.3 A Noção e o Domínio Nocial .....                            | 38        |
| 2.2.3.1 A Noção .....   | 38        |
| 2.2.3.2 A Ocorrência .....  | 38        |
| 2.2.3.3 O Domínio Nocial .....                                    | 39        |
| 2.2.3.3.1 Tipo e Atrator .....                                    | 40        |

|  |           |
|--|-----------|
| 2.2.4 As Operações de Determinação .....                                       | 42        |
| 2.2.4.1 A Quantificação (QNT) .....  | 42        |
| 2.2.4.1.1 A Extração .....   | 43        |
| 2.2.4.1.2 A Flechagem.....   | 44        |
| 2.2.4.1.3 A Varredura.....   | 45        |
| 2.2.4.2 A Qualificação (QLT).....  | 46        |
| 2.2.4.3 A Modalidade .....   | 48        |
| 2.2.4.4 O Aspecto .....  | 49        |
| <b>3 ANÁLISE DO WE COMO MARCADOR DE OPERAÇÕES NA LÍNGUA FOM DO BENIM .....</b> | <b>51</b> |
| 3.1 Os Procedimentos Teórico-Metodológicos da Tope .....                       | 51        |
| 3.2 Análises do Marcador WE.....   | 52        |
| 3.3 Síntese Conclusiva das Análises .....                                      | 58        |
| 3.4 Outros Aspectos .....  | 59        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>61</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>63</b> |
| <b>SOBRE O AUTOR.....</b>  | <b>65</b> |

## INTRODUÇÃO

Este livro é o fruto da nossa pesquisa de mestrado sobre o marcador  $w\epsilon^1$  da língua  $f\eta n^2$  do Benim, e o resultado de numa busca incansável pelo conhecimento, a curiosidade de saber mais e melhor, com objetivo de aprender a fazer pesquisa e se tornar um pesquisador científico a serviço da sociedade. Em respeito ao nosso projeto profissional, decidimos seguir a escolha de campo de estudo universitário: a Linguística. Este campo, no qual tivemos o privilégio de fazer nossos estudos de graduação, momento esse, em que, se consolidou o interesse pela ciência. As disciplinas cursadas durante esse período acadêmico suscitaram em nós o entusiasmo, a coragem, o sacrifício e o prazer de continuar a investigação científica, particularmente na pesquisa, para participar de forma progressiva, em nossa construção intelectual.

Nosso contato com a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) tem sido feito com a maior tranquilidade de espírito. Essa teoria, o resultado de um projeto de Antoine Culioli e seus colaboradores, nos oferece a possibilidade de ter esta visão multidimensional dos fenômenos que são tão complexos quanto se pode imaginar.

Decidimos conduzir este estudo na língua  $f\eta n$  do Benim, pois é uma das línguas transfronteiras de origem africana que ainda precisa de mais pesquisas para sua apreensão. Os países que a têm em comum são Togo, Nigéria e Benim. Deve-se notar que ela é falada principalmente no Benim e é uma das línguas utilizadas no sistema educacional, na mídia audiovisual, na imprensa escrita, nos centros e estruturas<sup>3</sup> de promoção e valorização das línguas e culturas africanas na África e fora dela. Apesar das pesquisas que já foram realizadas sobre essa língua, esta pesquisa propõe uma perspectiva de análise diferente das perspectivas de análise propostas por Avolonto (1992), Fabb (1992), Kinyalolo (1992), Ndayiragije (1992), etc.

Nosso objetivo é descrever  $w\epsilon$  como um marcador de operações enunciativas. Por operações, entendemos um conjunto de configurações específicas, arranjos em uma determinada língua que permitem apreender a atividade da linguagem (CULIOLI, 1990, p. 14). Essa atividade linguageira nos remete a uma atividade de produção e reconhecimento das formas. Deve-se enfatizar que as formas só são apreendidas através de textos, e os textos, no que lhe concerne, dependem das línguas – as línguas naturais. Assim, considerando  $w\epsilon$  como um marcador de operações enunciativas na língua  $f\eta n$ , assumimos a hipótese de que o  $w\epsilon$  é um marcador de (re)-identificação contextual ou situacional permitindo operar uma flechagem sobre outro no processo de construção do enunciado. Ou seja, defendemos que  $w\epsilon$  marca a retomada de algo que já tem alguma estabilidade existencial enquanto objeto simbólico como no caso do enunciado *un xɔ keke yaya yɔyɔ vɔvɔ dɔpko. É wε ná kun yi azɔme egbe<sup>4</sup>*. Frisamos que não está em jogo se algo existe ou não, quer dizer se algo pode ser chamada de X. O que está em jogo é o modo de ser algo. Trata-se de um modo de ser que dialoga com a alteridade.

1 Ler  $w\epsilon$ .

2 Ler  $f\eta n$ .

3 Temos como exemplos:

- Centro de Formação e de Tradução nas Línguas Locais (CFTLL) cuja sede está no Benim,

- CALang-Bénin cuja sede está no Benim,

- Afrilangues na África e na França, etc.

4 Comprei uma nova bicicleta vermelha. É esta/essa que vou andar para ir ao trabalho hoje.

A nossa metodologia de pesquisa apoia-se no quadro teórico-metodológico da TOPE. Os dados analisados são três enunciados que apresentam ocorrências de  $w\epsilon$ , extraídos do site *beninfongbe*<sup>5</sup>. Posto isso, nos engajamos na atividade de paráfrase e glosagem. Devemos, no entanto, observar que a glosagem, sendo uma reformulação, pode ser aplicada principalmente a uma sequência ou pequena sequência de palavras que seja, em simultâneo, contextualizável e inteligível.

A espinha dorsal, ou em termos mais técnicos a organização estrutural, deste trabalho será apresentado em três capítulos, além desta introdução, considerações finais e referências. Salientamos que os símbolos<sup>6</sup> utilizados aqui são do Alfabeto fon do Benim. Esse alfabeto, que já está em sua 8.ª edição, foi publicado pelo Instituto Nacional de Linguística Aplicada (INALA). O título do folheto é: Alfabeto das Línguas Nacionais (ALN) do Benim. O ALN tornou-se oficial e obrigatório pelo Decreto n.º 75-272 emitido em 24 de outubro de 1975, após o Seminário de 21, 22 e 23 de agosto de 1975, sobre a Harmonização e Normalização dos Alfabetos das Línguas da Sub-Região (África Ocidental).

No primeiro capítulo, tomamos a liberdade de fazer, num primeiro ponto, uma breve apresentação da língua fon que é a língua de suporte do marcador  $w\epsilon$ . Em um segundo ponto, descrevemos de maneira incipiente alguns dos trabalhos que já foram realizados sobre  $w\epsilon$ , os quais partem de uma perspectiva estruturalista. Temos o livro didático de Fadaïro (2001), a pesquisa de Avolonto (1992), Fabb (1992), Kinyalolo (1992), Ndayiragije (1992) e, por fim, Lefebvre (1991). Todos os elementos deste primeiro capítulo nos permitiram intitulá-la: uma descrição de pesquisas sobre o  $w\epsilon$ .

No segundo capítulo, apresentamos os pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Começamos com uma visão geral do que deveria tratar a Linguística conforme o linguista francês Antoine Culioli, e o que o fez pensar em outra abordagem pelo estudo dos fenômenos linguísticos que são de fato os fenômenos empíricos complexos. Isto explica a necessidade de teorizar a abundância empírica das línguas, textos e situações, relacionando-a, através de um sistema de representação metalinguística, à realidade de representações e operações inacessíveis (CULIOLI, 1999a, p. 8). Após essa etapa, abordamos a questão do objeto de estudo da Linguística conforme a TOPE, o que entendemos por linguagem e sua atividade, bem como sua relação com as línguas naturais; posteriormente, discorreremos sobre o que entendemos por enunciado e o processo de sua construção, noção e domínio nocional e, então, as diferentes operações de determinação. Todos os elementos que compõem este capítulo, nos permitiram intitulá-la: Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

O terceiro capítulo foi estruturada em quatro pontos: os procedimentos teórico-metodológicos da TOPE, a análise do marcador  $w\epsilon$ , uma síntese das análises, e, por fim abordamos outros aspectos relacionados às análises. Analisamos os enunciados com as ocorrências do marcador  $w\epsilon$ . Com suporte desses enunciados de origem, operamos construções parafraseadas e glosadas. Essas construções nos permitiram observar que cada vez que o marcador  $w\epsilon$ , que faz parte de um conjunto de arranjos, se apresenta, há uma certa singularidade.

---

5 <https://beninfongbe.com>

6 Estes símbolos são tratados especificamente das palavras do fon no decorrer deste livro.

# 1

## UMA DESCRIÇÃO DE PESQUISAS SOBRE O WƐ

Neste primeiro capítulo apresentaremos uma breve descrição de algumas pesquisas que analisaram o *wɛ* de um ponto de vista estruturalista. Para tanto, inicialmente, na subseção 1.1, faremos uma breve apresentação da língua *fɔn*; e, posteriormente, em 1.2, discorreremos sobre as pesquisas acerca da unidade linguística *wɛ*, conforme já assinalado.

### 1. 1 FɔN

O *fɔn*, também conhecido como *fɔngbè*<sup>7</sup>, é uma língua nigero-congolesa do grupo *Gbè*<sup>8</sup> e da família *Kwa*<sup>9</sup>. É falada na África Ocidental, principalmente no Benim, e com alguns falantes no sul do Togo e no sudoeste da Nigéria. No século XVII o *fɔn* era a língua oficial do antigo reino do *Danxome*<sup>10</sup> (Danxomè), atualmente República do Benim.

Sendo a língua africana majoritária no Benim, é utilizada com frequência nos canais de televisão<sup>11</sup>, de modo que existem canais com toda a programação em *fɔn*, além dos rádios<sup>12</sup>, da mídia impressa como, por exemplo, o jornal. É uma das sessenta<sup>13</sup> línguas faladas no Benim com uma infinidade de materiais e equipamentos que são frutos de várias pesquisas científicas na África e fora dela. Há bastante literatura escrita em *fɔn* como, por exemplo, *Xó et gbè, langage et culture chez les fon* (GUÉDOU, 1985), *Ànɔnúgbè* (KINHOU, 2019), *Lire, écrire et parler fon* (GUELIGUE, 1978), *entre outros*. Posto isso, é válido ressaltarmos que o *fɔn* é uma das línguas adotadas e ensinadas através de programas educacionais, programas de alfabetização de adultos no país. Há, por exemplo, o Programa de Apoio na Educação e na Formação das Crianças (PAEFE) e o Programa de Alfabetização Formação Intensiva pelo Desenvolvimento (AFI-D).

É uma língua que possui um alfabeto com trinta e seis letras. Entre elas há sete vogais orais (a, e, ɛ, i, o, ɔ, u), cinco vogais nasais (an, en, in, on, un) e três dígrafos orais (gb, kp, ny). É caracterizada por uma fonologia e tonologia na qual as raízes das palavras são monossilábicas com muitas séries homofônicas que se distinguem apenas pelo tom. Apresenta quatro tons fonéticos: um alto (´) *tó* = ouvido, um baixo (̀) *tò* = país, um baixo-alto (˘) *dǒ* = muro e um médio (ˉ) *do*<sup>14</sup> = baixo. Assim, ao querer dizer uma palavra como universo, pode-se facilmente dizer amigo, ou divorciar. Isto é, *gbɛ* (universo), *gbɛ* (amigo), *gbɛ* (recusar, rejeitar, divorciar). A partir desses exemplos evidenciamos o quanto o tom é importante no processo de distinção de uma palavra em relação a outra em *fɔn*. Destacamos que nos exemplos apresentados no decorrer deste livro não foi possível, por falta de símbolos, pontuar todos

7 Ler fôngbé.

8 Ler gbé.

9 Ler kua.

10 Ler Dânrromé.

11 Canal 3 Fongbè (C3 Benim), Ofício de Radiodifusão e Televisão do Benim (ORTB), Televisão Carrefour Benim (TVC Benim), ROYAL TV Benim, etc.

12 ORTB, Radio Alafia, etc.

13 De acordo com Capo (2009).

14 Esse tom pode ou não ser escrito.

os tons. No entanto, isso não interfere no nosso processo de análise de enunciados com as ocorrências do marcador *wε*.

Munidos dessa breve descrição acerca da língua *fɔn*, discutiremos, na subseção a seguir, sobre algumas pesquisas focalizando a unidade linguística *wε*.

## 1.2 A Unidade Linguística *Wε* em Perspectiva

Ahwan wε nɔ nɔ gbɔ, co e nɔ dɔ ahwan xo.

É quando a guerra acaba que a sua história é contada.

É só quando terminarmos o trabalho que poderemos fazer a análise do resultado (Provérbio *fɔn*)<sup>15</sup>.

Apoiados neste provérbio começamos esta subseção. A ideia principal é que a partir da efetivação de um ato que se conta uma estória. É justamente isso que faremos aqui. Consideraremos as pesquisas já realizadas sobre a unidade linguística *wε* como ato já efetivado e, por essa razão, faremos uma breve descrição. Entre as pesquisas que foram feitas sobre o *wε*, explicitaremos, nesta subseção, os trabalhos dos seguintes pesquisadores: Fadaïro (2001), Avolonto (1992), Fabb (1992), Kinyalolo (1992), Ndayiragije (1992), Lefebvre (1991).

### 1.2.1 A Unidade *Wε* Segundo Fadaïro

Fadaïro em seu livro publicado em 2001, sobre a língua *fɔn*, visa mostrar as características fonológicas, tonológicas, sistemas derivacionais, morfologia de lexemas e empréstimos em *fɔn* de forma geral. Esta publicação é um material didático que oferece uma nomenclatura sobre a língua e a cultura *fɔn* do Benim.

Nesse livro, ele também relata a história do Benim desde suas origens (então reino), passando por períodos de turbulência (períodos de guerra e conquistas) até a nova república, a atual república democrática. Nos muitos pontos abordados nessa obra, Fadaïro, ao abordar a questão da morfologia dos lexemas, afirma que para se comunicar na língua *fɔn* são necessários dois grupos de unidades significativas. O grupo de verbos que expressa, em sua opinião, uma ação ou um estado. Depois temos o grupo nominal, que, segundo ele, engloba todos os outros elementos do sistema. De acordo com este autor, os verbais<sup>16</sup> e nominais<sup>17</sup> em *fɔn* não se submetem a nenhuma modificação morfológica (nenhuma flexão relacionada a modo ou tempo, nenhuma modificação relacionada ao gênero). Estes aspectos são indicados por marcas ou partículas que são pré, ou pós-aplicadas. Ao dar as características do grupo verbo, ele afirma que esta classe é composta tanto de apresentadores como de verbos. Há três apresentadores, dentre os quais a unidade linguística *wε*. Para explicitar esse aspecto, Fadaïro (2001), nos apresenta os seguintes exemplos:

(1) Cávi *wε*

Esta é a chave<sup>18</sup>.

15 <https://beninfongbe.com/conversation/proverbes-fongbe.html> acesso o 01/05/2020 às 09:35.

16 Queremos dizer grupos verbais.

17 Queremos dizer grupos nominais.

18 No original: C'est la clé.

(2) Bi wε

É tudo<sup>19</sup>.

(3) Ji kó wà wε

Esta é a chuva que chegou<sup>20</sup>.

Ele afirma que a unidade linguística *wε*, que ele traduz primeiro como o equivalente francês “c’est”, possui uma função de apresentador, assim como *dje* e *nε* na língua *fɔn*. Tomando o caso dos verbos, Fadaïro (2001) observa que, em um enunciado nesta língua, os verbos podem aparecer em três formas: o radical sozinho, o radical seguido por uma partícula e a forma progressiva. No caso da forma progressiva, Fadaïro (2001) dá os seguintes exemplos:

(4) Koffi dè sín nú wε

Koffi está bebendo água<sup>21</sup>.

(5) Kútɔnú yí wε Koffi dè

É para Cotonu que Koffi está indo<sup>22</sup>.

Usando esses exemplos, este autor argumenta que a unidade linguística *wε*, com *dè* para dar à unidade significativa descontínua *dè...wε* permite expressar uma ação que está em processo de ser realizada, o que ele chama forma progressiva nesta língua. Em sua descrição, Fadaïro (2001) dá o seguinte exemplo:

(6) Yíyí wε Koffí dè

É que Koffi está indo/ partindo<sup>23</sup>.

Ele observa que a unidade linguística *wε*, na presença de *dè*, permite colocar em destaque outra unidade no enunciado. No caso do enunciado acima, ele observa, portanto, que *wε* tornou possível destacar o verbo “yí”, duplicado para dar “yíyí”.

Em suma, de acordo com Fadaïro (2001), a unidade linguística *wε* desempenha as seguintes funções: presentativa, uma unidade que permite construir a forma progressiva e depois uma partícula que permite destacar um termo. Também pode ser usado para apresentar um substantivo, um pronome, um verbo ou uma frase inteira. A seguir, descrevemos o ponto de vista de Avolonto (1992).

---

19 No original: C’est tout.

20 No original: C’est que les pluies sont arrivées.

21 No original: Koffi est en train de boire de l’eau

22 No original: C’est à Cotonou que Kofi est en train d’aller

23 No original: C’est que Koffi est en train de partir.

### 1.2.2 A Unidade *Wɛ* Segundo Avolonto

Avolonto (1992) realizou um estudo sobre *Aspp*<sup>24</sup> e a categoria *Infl*<sup>25</sup> em *fɔngbé*. Este estudo se concentra na distribuição de marcadores *ná* do futuro, *nɔ* do habitual e do *kò* como morfema adverbial em *fɔngbè*. Segundo Avolonto (1992), esses três morfemas aparecem entre o sujeito e o verbo e têm efeitos semânticos sobre a sentença. Foi durante este estudo que Avolonto abordou a questão do que a unidade linguística *wɛ* representa em uma construção de frases progressivas. Seu estudo concorda com a perspectiva teórica de Pollock (1989) e Chomsky (1991), que decompõem a *Infl* em *TP*<sup>26</sup> e *AGRP*.

Nesse estudo, Avolonto propõe a existência de duas projeções aspectuais em *fɔngbè* cujas cabeças são respectivamente *ná* e *nɔ*. Sua proposta difere das análises tradicionais que tratam o *ná* apenas como o marcador do tempo futuro e o *kò*, há muito considerado como o marcador do passado, considerado por este autor como um advérbio cujo alcance é determinado por sua posição. Avolonto (1992), com base nos testes de Dowty (1979) e Vendler (1967), argumenta que existem duas classes principais de verbos em *fɔngbè*. Verbos ativos e verbos estativos. Esta pesquisa, estruturada em cinco subseções, dedica a primeira subseção ao preâmbulo sobre as classes de verbos aspectuais em *fɔngbè*. Estávamos mais interessados nesta subseção, pois é nesse nível que Avolonto abordou a unidade *wɛ*.

Segundo Avolonto (1992), existem dois fatores sintáticos, que tornam possível identificar duas classes de verbos na língua *fɔngbè*: verbos ativos e estativos. Os verbos ativos são aqueles que aceitam o morfema do habitual. Para apoiar seu ponto de vista, ele dá o seguinte exemplo:

(7) Lìlì nɔ nyà àvɔ

Lili sempre lava a roupa<sup>27</sup>.

(8) Síkà nɔ xɔ àsɔn

Síkà compra habitualmente o caranguejo<sup>28</sup>.

No que diz respeito aos verbos estativos, Avolonto (1992) afirma que eles não aceitam a marca dos verbos habituais em oposição aos ativos. A esse respeito, ele dá os seguintes exemplos:

(9) Síkà nɔ nyi wàn nu Koffi

Sika ama habitualmente Koffi<sup>29</sup>.

(10) Lìlì nɔ sè fɔngbè

Lili compreende habitualmente *fɔngbè*<sup>30</sup>.

24 Avolonto (1992) não definiu os acrônimos na sua pesquisa. Em nosso trabalho vamos os definir. *Aspp*: Aspect Phrase (inglês).

25 *Inflexion* (inglês).

26 *Tense Phrase* (inglês).

27 No original : Lili fait habituellement la lessive.

28 No original : Sika achète habituellement du crabe.

29 No original : Sika aime habituellement Koffi

30 No original : Lili comprend habituellement le fongbé.



Em suas análises, Avolonto (1992) conclui que os verbos ativos aceitam a marca do progressivo em oposição aos verbos estativos. Para ilustrar esta afirmação, ele dá os seguintes exemplos:

(11) Líli d̀ò à̀sɔ̀n xɔ̀ wɛ  
Lili está comprando o caranguejo<sup>31</sup>.

(12) Síká d̀ò avɔ̀ nya wɛ  
Sika está lavando a roupa<sup>32</sup>.

No que se refere à distribuição dos marcadores *ná*, *nɔ* e *kò*, Avolonto (1992) atribui o marcador de foco à unidade linguística *wɛ*. Especialmente porque o foco principal dessa pesquisa era o *ná*, *nɔ*, e os marcadores *kò*, o autor não entrou em mais detalhes sobre a distribuição semântica do *wɛ*. Na subseção a seguir, abordaremos o ponto de vista de Fabb (1992).

### 1.2.3 A Unidade *Wɛ* Segundo Fabb

Fabb (1992), em sua pesquisa sobre a eliminação dos verbos em *fɔ̀ngbè*, teve como objetivo entender porque o verbo em *fɔ̀n* se reproduz em alguns contextos e não se reproduz em outros. A noção de licenciamento foi desenvolvida na teoria de *Government Binding* como em “The Principle of Full Interpretation” de Chomsky (1986) - como uma proposta de que para um elemento sintático ser visível aos componentes interpretativos, ele deve ou ter uma propriedade inerente, ou estar em uma relação estrutural com outro elemento.

A questão que se destaca é, se as expressões nominativas são permitidas ou não. Fabb mostra que os troncos dos verbos ingleses sempre aparecem afixados ou em uma posição onde são governados por uma pequena classe de verbos, ou Infl. Nessa pesquisa, Fabb (1992) argumenta que o *fɔ̀ngbè* compartilha com o inglês a restritividade de que os verbos troncos devem ser permitidos, que uma das formas em que um verbo tronco é permitido, é através da reduplicação, e que esta abordagem pode explicar porque os verbos são reduzidos em algumas construções e não em outras. Também dá um relato unificado da reduplicação de hastes verbais tanto na sintaxe quanto no léxico.

Na organização do seu trabalho, Fabb (1992) estrutura suas análises em sete pontos. A unidade linguística *wɛ* foi abordada nos pontos dados para (a) a reduplicação e (b) a reduplicação do verbo em construção progressiva. A reduplicação ocorre com verbos intransitivos e transitivos. Os verbos podem ser nominalizados por reduplicação. Assim, o verbo estativo é reduplicado para fazer um substantivo de um verbo. Neste caso, Fabb (1992) dá o seguinte exemplo: *klo* (enlarge) => *kloklo* (grandeza). No processo de análise sobre o modo de reduplicação dos verbos em *fɔ̀ngbè*, como no exemplo a seguir:

(13) É d̀ò tíntɔ̀n wɛ  
Ele está saindo/partindo<sup>33</sup>.

31 No original : Lili est en train d’acheter du crabe.

32 No original : Sika est en train de faire la lessive.

33 No original: He is leaving.

Fabb (1992), afirma que a unidade linguística *wɛ* é uma partícula sem um claro significado independente. Dizendo isto, Fabb em suas construções de frases, mostra que a presença ou ausência da unidade *wɛ* nos exemplos que ele deu não impede que eles tenham o mesmo significado. Nesta pesquisa, Fabb não deu outra função para a unidade linguística *wɛ*. A seguir, apresentamos a pesquisa de Kinyalolo (1992).

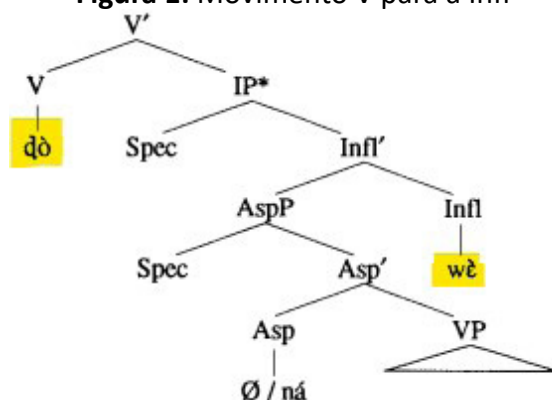
### 1.2.4 A Unidade *Wɛ* Segundo Kinyalolo

De acordo com Kinyalolo (1992), em seu estudo de uma análise da ordem das palavras encontradas em estruturas progressivas, prospectivas e uma categoria frases de objetivo em *fɔngbè* propõe que as variações na ordem das palavras características dessas estruturas são devidas à regra sintática. Ao explicar a realização do progressivo em *fɔngbè*, este autor afirma o seguinte:

Em termos descritivos, o progressivo é caracterizado por *dò...wɛ* (ver anônimo, 1983). [...] *dò* é um verbo que significa “ser”. Quanto ao *wɛ*, seu status categórico é desconhecido. Os falantes nativos não podem dizer com certeza qual é o sentido de *wɛ* (KINYALOLO, 1992, p. 39)<sup>34</sup>.

Mesmo após afirmar isto, Kinyalolo procedeu a analisar a estrutura interna de algumas sentenças. Durante sua análise, ele descobriu que as partículas *gbé* e *wɛ* são Infl que dirigem um IP<sup>35</sup> inacabado; que elas selecionam um AspP; que a head deste último seleciona o VP<sup>36</sup> temático; e que o IP é head-final em *fɔngbè*. Além disso, ele afirma não haver uma morfologia explícita para a sentença em *fɔngbè*. Não há movimento V<sup>37</sup> para a Infl. Além disso, assume que a IP encabeçada por *wɛ* é selecionada por *dò*, assumindo ainda que *wɛ* tem características gerundivas como *-ing* em inglês. A seguir, o esquema:

Figura 1: Movimento V para a Infl



Fonte: Kinyalolo (1992, p. 44)

34 No original: Descriptively speaking, the progressive is characterized by *dò...wɛ* (see Anonymous, 1983). As we saw in, *dò* is a verb meaning be. As for *wɛ*, its categorial status is unknown. Native speakers cannot say with certainty what the meaning of *wɛ* is (KINYALOLO, 1992, p. 39)

35 Inflectional Phrase.

36 Verbal Phrase.

37 Verb.

Kinyalolo baseado em fatos, para falar sobre a distribuição de *wɛ*, afirma que ao contrário das cópulas *nyí/dò*, *wɛ* não pode tomar um marcador Infl. As estruturas em *wɛ* na língua *fɔn* implicam uma leitura especulativa do NP<sup>38</sup> que precede esta partícula. Isto permite observar que a partícula *wɛ* tem uma função semântica, a de sinalizar um constituinte em uma posição de foco. Portanto, este autor considera que *wɛ* é um marcador de foco que é frequentemente inserido na posição da cabeça do CP<sup>39</sup>, em vez de uma cópula. A seguir, discorreremos sobre o trabalho de Ndayiragije (1992).

### 1.2.5 A Unidade *Wɛ* Segundo Ndayiragije

Ndayiragije (1992) fez pesquisa sobre a estrutura sintática das clivagens do *fɔngbè*. Esta pesquisa se concentrou em duas preocupações. A primeira foi se as estruturas clivadas são estruturas copulativas como é o caso das clivadas em francês e inglês. A segunda preocupação era se nessas construções o elemento clivado é gerado na base em sua posição de superfície como em inglês ou em francês. Levando estas duas preocupações em consideração, Ndayiragije (1992) faz as seguintes suposições: (a) as clivagens em *fɔngbè* seriam construções de foco onde o elemento clivado ocupa a posição Spec<sup>40</sup>, CP com a inserção do marcador de foco *wɛ* na posição da cabeça de CP; (b) o elemento clivado seria movido pelo Movimento-wh para S-estrutura<sup>41</sup> para sua posição de superfície.

Como quadro teórico, refere-se ao trabalho de Akmajian (1970), Pinkham e Hankamer (1975), Emonds (1976), Chomsky (1977), Delahunty (1983), Rochemont (1986), Heggie (1988).

De acordo com Ndayiragije (1992), a formação de clivados em *fɔngbè* ocorre pela anteposição do elemento clivado no início de uma frase. Este elemento é precedido pela partícula *wɛ*. Nos exemplos a seguir, temos:

(14) Kɔku, wɛ [t<sub>i</sub>] klɔ mɔto ɔ  
 Koku lavar carro det  
 Foi Koku que lavou o carro<sup>42</sup>.

No exemplo acima, temos o elemento clivado *Koku* colocado antes da partícula *wɛ*.

(15) [Mɔto ɔ]<sub>i</sub> (wɛ) Kɔku klɔ [t<sub>i</sub>]  
 Carro Det Koku lavar  
 É o carro que Koku lavou<sup>43</sup>.

No exemplo acima, também temos o elemento clivado *Mɔto* colocado antes da partícula *wɛ*.

Após várias análises, Ndayiragije (1992) observa que as estruturas copulativas preditivas em *fɔngbè* podem ser resumidas da seguinte forma. Existe a cópula *nyí/dò* que é obrigatoriamente

38 Nominal Syntagma(Phrase).

39 Complementizer Phrase.

40 Specifier.

41 Surface-Structures

42 No original: C'est Koku qui a lavé la voiture.

43 No original: C'est la voiture que Koku a lavée.

realizada independentemente da categoria lexical do elemento pós-cópula (AP<sup>44</sup>, NP ou PP<sup>45</sup>). Nessas estruturas, a cópula também pode levar um marcador *Infl*. A cópula *nyí/qò* não pode, em nenhum caso, ser substituída por *wε*. Vejamos:

(16) É nyí d̀òtó  
EXPL ser médico  
É um médico<sup>46</sup>.

Quando a pré-cópula NP tem um conteúdo referencial, o elemento pós-cópula é predicativo. Finalmente, a cópula *nyí* permite um expletivo em posição de sujeito. Neste contexto, o elemento pós-cópula é necessariamente referencial (argumental).

Na distribuição de *wε*, Ndayiragije (1992) observa os seguintes fatos: ao contrário da cópula *nyí/qò*, a partícula *wε* não pode levar um marcador de *Infl*. A extração do NP do qual *wε* é a cabeça não é permitida. Temos, por exemplo:

(17) K̀k̀k̀ú<sub>i</sub> wε Báyi ɖɔ ɖɔ é<sub>i</sub> wε  
Koku Bayi dizer COMP 3SG  
É Koku que Bayi disse ser<sup>47</sup>.

Enquanto no exemplo a seguir a extração é permitida com *nyí/qò*.

(18) K̀k̀k̀ú<sub>i</sub> wε Báyi ɖɔ ɖɔ é<sub>i</sub> nyi d̀òtó.  
Koku Bayi dizer COMP 3SG ser médico.  
É Koku que Bayi disse ser médico<sup>48</sup>.

As estruturas em *wε* implicam uma leitura específica da NP<sup>49</sup> que precede esta partícula, sugerindo que *wε* tem uma função semântica, a de sinalar um constituinte em uma posição de foco. Com base nestes fatos, Ndayiragije (1992) afirma que *wε* é um marcador de foco inserido na posição de cabeça da CP, em vez de uma cópula. Temos também a seguinte configuração de árvore que ilustra o que diz Ndayiragije (1992).

---

44 Adjectival Phrase.

45 Prepositional Phrase.

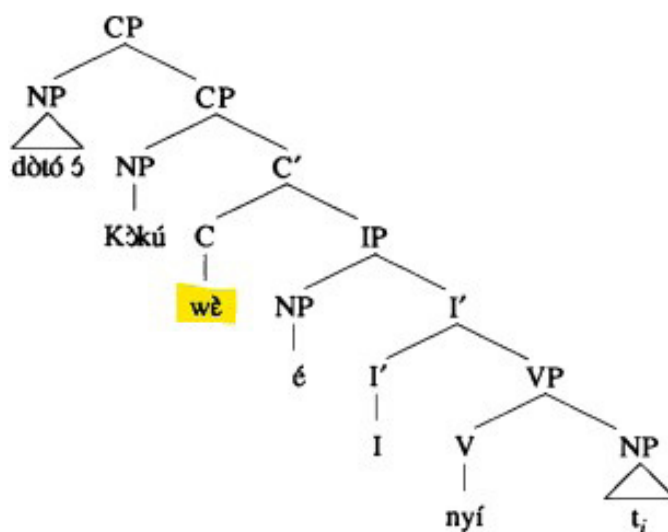
46 No original: C'est un médecin.

47 No original: C'est Koku que Bayi a dit que c'est.

48 No original: C'est Koku que Bayi a dit qu'il est médecin.

49 Nominal Phrase.

**Figura 2:** Configuração de árvore por Ndayiragije



Fonte: Ndayiragije (1992, p. 84)

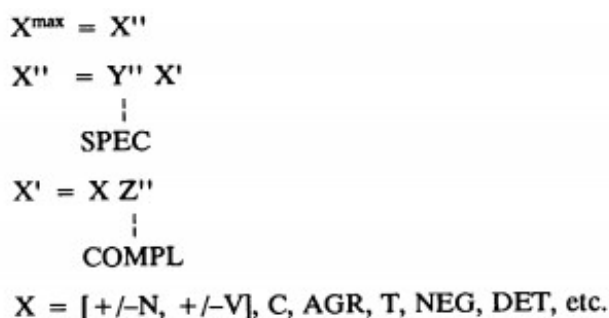
Por fim, de acordo com Ndayiragije (1992), as clivagens em *fɔngbè* são estruturas copulativas, ao contrário das estruturas em francês e inglês. As análises mostraram serem construções de foco onde o elemento clivado aparece na posição Spec, CP, com a inserção do marcador de foco *wɛ* na posição da cabeça CP. Através das análises, este autor também mostrou que o elemento clivado é movido por Movimento-wh para S-estrutura em sua posição de superfície. O que não é o caso do inglês e do francês. Na próxima subseção, discutiremos o ponto de vista de Lefebvre (1991).

### 1.2.6 A Unidade *Wɛ* Segundo Lefebvre

Lefebvre (1991), no que lhe concerne, pesquisou a distribuição de *wɛ* como aparece na frase em *fɔngbè*. De acordo com Lefebvre (1991), o morfema *wɛ* em *fɔngbè*, que ele glosou como *it-is* em inglês, ocorre em diferentes contextos. Afirmando isso, ele propôs examinar a distribuição de *wɛ* a partir de enunciados produzidos naquela língua.

Para esse autor, o morfema *wɛ* não exibe conteúdo semântico associado aos elementos lexicais definidos segundo as principais características  $[\alpha N, \beta V]$ . Ele toma *wɛ* como a cabeça de uma projeção de categoria funcional que ele chama de XP. Também assume que as projeções de categoria funcional estão em conformidade com o formato revisado da teoria do “X” (Chomsky, 1986, 1989). Ele também assume que todas as projeções, sejam menores ou maiores, têm o formato “X”, em que a ordem linear é irrelevante.

Figura 3: Formato X



Fonte: Lefebvre (1991, p. 22)

Esta pesquisa está estruturada em três seções distintas. A análise dos fatos no primeiro capítulo permitiu a Lefebvre (1991) mostrar que a presença de *wɛ* em uma frase está correlacionada com a propriedade [+definida] do sujeito ou objeto delimitador. A correlação entre *wɛ* e um dos dois argumentos do predicado está, além disso, correlacionada com duas interpretações ligeiramente diferentes. Quando *wɛ* está correlacionado com o sujeito, o conteúdo de toda a frase é interpretado como informação nova. Quando *wɛ* se correlaciona com o objeto de delimitação, o que é interpretado como informação nova inclui apenas o predicado e o argumento interno. Como mostrado por Lefebvre (1991), nos exemplos a seguir:

Figura 4: Conjunto de frases 1

- |   |                                  |
|---|----------------------------------|
| a. <u>á</u> vó <u>ó</u> wé <u>wè</u>          | INDIVIDUAL LEVEL PREDICATE       |
| dress Det white it-is                         |                                  |
| 'It is that the dress is white.'              |                                  |
| b. <u>súnù</u> <u>ó</u> lón <u>wè</u>         | INTRANSITIVE VERB                |
| man Det jump it-is                            |                                  |
| 'It is that the man jumped.'                  |                                  |
| c. <u>vì</u> <u>ó</u> sè àxwá <u>wè</u>       | TRANSITIVE NON AFFECTEDNESS VERB |
| child Det hear noise it-is                    |                                  |
| 'It is that the child heard noise.'           |                                  |
| d. <u>súnù</u> <u>ó</u> gbà mótò dé <u>wè</u> | AFFECTEDNESS VERB                |
| man DEt destroy car a it-is                   |                                  |
| 'It is that the man destroyed a car.'         |                                  |
| e. <u>súnù</u> <u>ó</u> fùn àhwàn <u>wè</u>   | INHERENT OBJECT VERB             |
| man Det make war it-is                        |                                  |
| 'It is that the man made war.'                |                                  |

Fonte: Lefebvre (1991, p. 25)

*Wε* é compatível com [+ sujeitos definidos de todas as categorias de predicados. Com base nos exemplos abaixo, Lefebvre observa que *wε* só é compatível com os argumentos de delimitação [+ definido] dos predicados de afetividade.

**Figura 5:** Conjunto de frases 2

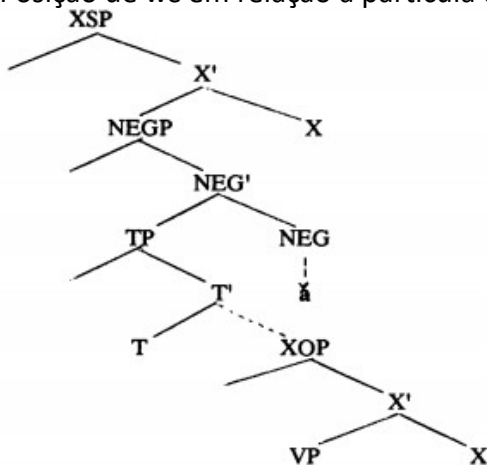
- a. \* súnù dé gbà      mótò dé wè  
 man a destroy car a it-is  
 [Lit: 'It is that a man destroyed a car.']
- b. \* súnù dé dù      àsón dé wè  
 man a eat crab a it-is  
 [Lit: 'It is that a man ate a crab.']
- c. \* súnù dé bló      távò dé wè  
 man a make table a it-is  
 [Lit: 'It is that a man made a table.']

Fonte: Lefebvre (1991, p. 25)

Para este autor, esta distribuição sugere haver duas posições para *wε* na frase: uma que é alta na árvore de sintaxe e permite que *wε* esteja em uma relação de configuração com o sujeito; outra que é mais baixa na árvore e permite que *wε* esteja em uma relação de configuração com o objeto de delimitação. A distribuição de *wε* no contexto da negação apoia mais esta proposta.

No segundo capítulo, Lefebvre observa, a partir das análises, que quando *wε* acompanha a perspectiva de NEGP, ele está correlacionado com a propriedade [+ definido] do sujeito. Da mesma forma, quando *wε* precede a perspectiva de NEGP, ele está correlacionado com a propriedade [+ definida] do argumento de delimitação. A distribuição de superfície de *wε* com respeito à partícula de negação, portanto, apoia fortemente a proposta de que existem duas posições motivadas independentemente para *wε*. Na seguinte configuração.

**Figura 6:** Posição de *wε* em relação a partícula de negação



Fonte: Lefebvre (1991, p. 28)

*We* pode ser associado com o sujeito (XSP). Nesta mesma configuração, *wε* também pode ser associado com o objeto (XOP).

Em suma, no último capítulo desta pesquisa, Lefebvre (1991) mostrou que a distribuição de *wε* pode ser explicada pelo ajuste que ocorre na configuração Spec-Head da projeção dirigida por *wε*. Primeiro, ele observa que o ajuste na característica [+ definido] considera que *wε* só pode ocorrer no contexto de um sujeito [+ definido] ou no contexto de um objeto delimitador [+ definido]. Em seguida, Lefebvre (1991) sustenta que o ajuste determina o argumento que dará uma margem de interpretação do que é pressuposto como informação nova. Por fim, afirma que *wε* é um elemento determinante dos eventos. *We* não concorda nem com um argumento indeterminado, nem com as cláusulas I-PI].

Em resumo, a unidade linguística *wε* é considerada de acordo com Fadaïro (2001), como um apresentativo, e como uma unidade que permite a realização do progressivo na língua *fɔn*. Já Avolonto (1992) a designa como um marcador de foco. Para Fabb (1992), ao contrário, é uma partícula que não tem uma função fora do contexto. Só o contexto que permite definir. Kinyalolo (1992), no que lhe concerne, observa que *wε* implica uma leitura especulativa da frase nominal (NP) e tem uma função semântica, a de sinalizar a posição de um constituinte focalizado na frase. Para esse autor, bem como para Ndayiragije (1992), *wε* é um marcador de foco que é, amiúde, inserido na posição de uma frase complementar (CP). Enfim, Lefebvre observa que esta unidade é um elemento determinante dos eventos.

Em suma, apresentamos, neste capítulo, alguns trabalhos que estudam a unidade linguística *wε*, de uma perspectiva estruturalista, que não é a nossa. A partir do exposto, vimos que *wε* é tomado como uma unidade isolada ou classificada em uma categoria. No entanto, sustentados nos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), a teoria que ancora este trabalho, consideramos essa abordagem reducionista, visto que compreendemos que cada unidade linguística é o resultado de um conjunto de operações. Portanto, partimos, da hipótese de que *wε* é um marcador de (re)identificação contextual ou situacional, por assim dizer, um marcador de flechagem no processo de construção de um enunciado.

No próximo capítulo, apresentamos os princípios da TOPE.



## 2

### A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS

Neste capítulo iremos discorrer sobre a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), de Antoine Culioli e seus seguidores, que constitui a base teórica da nossa pesquisa acerca da unidade linguística *wɛ* na língua *fɔn*<sup>50</sup> do Benim como marcador de operações enunciativas. Fazemos aqui uma breve apresentação dos princípios teóricos da TOPE que consideramos fundamentais para a constituição da nossa pesquisa. Para tal, decidimos criar quatro subseções: 2.1 as preliminares de um novo horizonte linguístico; 2.2 os fundamentos da teoria dos observáveis; 2.3 a noção e o domínio nocional; 2.4 as operações de determinação.

#### 2.1 As Preliminares de um Novo Horizonte Linguístico

Tentarei identificar o objeto em que se baseia a linguística, certos problemas de método, mas também tentarei ver como problemas, que são da competência da sociologia da pesquisa, influenciam hoje em dia sobre o desenvolvimento da linguística, e em que direção se efetua a mudança (CULIOLI, 1990, p. 9).<sup>51</sup>

Antes de dizermos qualquer outra coisa destacamos que Antoine Culioli reconfigurou a Linguística. Tomemos a liberdade de contar um pouco desse percurso de reconfiguração. Inicialmente, a Linguística moderna se organizou, de fato, como uma ciência na Europa com base no legado deixado por Saussure. Recordamos os cursos de Linguística geral ministrados por ele em anfiteatros europeus nos anos 1906 - 1907, 1908 - 1909 e 1910 - 1911 (SAUSSURE, 2005, p. 3).

A ideia fundamental que surgiu de todos esses cursos e que Saussure defendeu, bem como ensinou, foi de que, o objetivo da Linguística é o estudo da língua como um domínio abstrato construído a partir de línguas específicas (CULIOLI, 1990, p. 9). Dessa herança saussuriana, surgiram várias disciplinas relacionadas ao objetivo da Linguística e algumas delas têm status “às vezes incerto”<sup>52</sup> (CULIOLI, 1990, p. 10).

Posto isso, Culioli destaca, entre as disciplinas de status incerto, a Psicolinguística<sup>53</sup>, a Sociolinguística e a Análise de Discurso. A Sociolinguística é definida por Labov<sup>54</sup> como “o estudo da linguagem em seu contexto social” (*apud* CALVET, 2017, p. 19-20). Entretanto, ela é descrita por Culioli (1990, p. 10), como um setor complexo, pouco organizado, no qual são realizados diversos projetos de pesquisa (línguas em contato, crioulização, pidginização, política linguística, alfabetização, etc.).

50 As letras usadas são do alfabeto nacional das línguas que se chama ALN. *Fɔn* se lê *fôn*.

51 No original: Je m'efforcerai de dégager l'objet qui fonde la linguistique, certains problèmes de méthode, mais aussi j'essaierai de voir comment des problèmes qui sont du ressort de la sociologie de la recherche influent, à l'heure actuelle, sur le développement de la linguistique et dans quel sens s'effectue l'infléchissement (CULIOLI, 1990, p. 9).

52 No original: “parfois incertain” (CULIOLI, 1990, p. 10).

53 O termo “psicolinguística” foi criado em 1951 em um seminário de verão na Universidade Cornell, nos Estados Unidos, onde foi formado um comitê de vários psicólogos e linguistas, como Osgood e Sebeok. O primeiro livro dedicado a esta disciplina foi publicado em 1953 e é na verdade uma síntese entre duas disciplinas (psicologia e linguística). Assim, alguns pesquisadores estabelecem há algum tempo ligações entre o empirismo da psicologia experimental e os modelos teóricos da linguística

54 Em 1966 Labov publicou seu estudo sobre a estratificação social do /r/ em lojas de Nova York, um texto que soa como um manifesto.

Já a Análise de Discurso se articula com a Filosofia da Linguagem, Pragmática, Argumentação e Antropologia Cultural. Não obstante, temos, ainda, disciplinas como a Didática das Línguas, Tratamento Automático das Línguas e Patologia da Linguagem. Em suma, o problema para a Linguística, com o nascimento de uma infinidade de novas disciplinas não foram as suas designações, mas os objetos com os quais elas lidavam. De acordo com Culioli (1990, p. 10), a maior preocupação registrada nesses estudos pode ser explicada em duas linhas principais: o problema da articulação entre a pesquisa sobre as línguas (em sua especificidade) e com sua própria configuração; o problema da articulação entre as pesquisas que tratavam da atividade da linguagem com um objetivo finalizado.

A Linguística, como qualquer outra ciência, deve delimitar seu campo e explicar seu objetivo, bem como as bases epistemológicas sobre as quais fundamenta suas reflexões e pesquisas. Isto posto, Culioli, a partir de um panorama interdisciplinar, fundou a TOPE, uma teoria de caráter construtivista, com um objeto específico capaz de servir em diversos campos científicos.

Autores como, por exemplo, Louis Althusser (filósofo marxista)<sup>55</sup>, Fernand Mossé (filólogo)<sup>56</sup>, François Bresson (psicólogo)<sup>57</sup>, Blaise Grize (lógico)<sup>58</sup>, Gottlob Frege (filósofo, lógico, matemático)<sup>59</sup>, foram lidos por Culioli e serviram de inspiração. Assim, voltamos a um dos métodos empíricos de questionamento da origem aristotélica (quem, o quê, onde, quando, como, quanto, por quê?). Compreende-se a importância desses autores observando-se o aparato terminológico-conceitual da TOPE, no próximo capítulo.

## 2.2 Os Fundamentos da Teoria dos Observáveis

Nesta subseção pontuaremos alguns dos princípios teóricos da TOPE. Para tanto, a subseção 2.2.1 trará a assunção culioliana de Linguística, bem como abordará a relação entre linguagem e línguas, tendo como parâmetro a atividade de linguagem como uma atividade tripla, isto é, uma de representação, referenciação e regulação. Em 2.2.2, evidenciaremos o procedimento de construção do enunciado partindo da assunção culioliana de enunciado e enunciadores; em seguida trataremos da léxis até a relação enunciativa. Já na subseção 2.2.3 discorreremos sobre a noção, ocorrência, o domínio nocional, além do tipo e atrator. Por fim, discutiremos em 2.2.4, sobre as operações de determinação e suas características a partir da nossa perspectiva teórica.

---

55 **Louis Althusser**, nascido em Birmandreis (Argélia), em 16 de outubro de 1918, é um filósofo francês. Ele é considerado um dos principais atores do movimento estruturalista dos anos 60, com **Claude Lévi-Strauss**, **Jacques Lacan** e **Michel Foucault**.

56 **Fernand Mossé**, nascido em 25 de maio de 1892 em Marselha (Bouches-du-Rhône) é professor associado de inglês no ensino médio e depois professor no Collège de France. Discípulo de **Meillet**, ele não separou a linguística da filologia; um exímio conhecedor do inglês, alemão, outras línguas e dialetos nórdicos, especialista em etimologia, escreveu inúmeros artigos, livros e manuais que foram republicados muitas vezes.

57 **François Bresson**, nascido em 1921, em Paris, é psicólogo e diretor de estudos da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Ele conduz pesquisas no campo da matemática, particularmente sobre comportamentos de resolução de problemas, e sobre teorias de percepção e aprendizagem. Busca aplicar a abordagem matemática à conceitualização e modelagem de resultados experimentais. Ele frequenta **Benoit Mandelbrot** e **Marcel-Paul Schützenberger**. Ele foi pesquisador convidado em 1956-1957 no Centro Internacional de Epistemologia Genética criado por Jean Piaget em Genebra. É especialista em questões relacionadas a problemas de desenvolvimento cognitivo, particularmente problemas de desenvolvimento da linguagem e sistemas de representação.

58 **Jean-Blaise Grize**, nascido em Villars-Burquin, em 1922, é professor suíço de lógica natural, epistemologia e argumentação. Seu trabalho é focado em epistemologia, lógica e psicolinguística

59 **Friedrich Ludwig Gottlob Frege**, nascido em 8 de novembro de 1848, era um matemático, lógico e filósofo alemão. Ele foi um dos principais fundadores da lógica matemática moderna.

## 2.2.1 Linguística. Linguagem e Línguas

A Linguística como foi pensada e ensinada por certos linguistas da modernidade, para os quais o seu único e verdadeiro objeto é a língua prevista em e para si mesma (SAUSSURE, 2005, p. 247), não nos permite compreender toda a complexidade dos fenômenos da linguagem. Essa Linguística estrutural, abdicando dos detalhes empíricos no processo de apreensão das línguas, foi baseada, principalmente, no classificatório, na rigidez, uma espécie de *vade-mécum* metodológico<sup>60</sup>.

Dessa forma, a língua foi reduzida a um conjunto de etiquetas onde categorias, por assim dizer, a metalinguística se apresentou como um sistema adquirido, ou seja, um sistema a partir do qual se chega à hierarquização dos dados sem uma preocupação com a possibilidade de modulação e plasticidade dos textos (CULIOLI, 1999a, p. 9).

Dados esses problemas de método e das hipóteses explícitas no processo de estudo das línguas em Linguística, para Culioli, é preciso, portanto, uma redefinição do campo de estudo. Assim, o objeto de estudo da Linguística, no programa de trabalho culioliano, é concebido como a atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais sem esquecer a diversidade dos textos escritos ou orais (CULIOLI, 1990, p. 14).

Essa redefinição traz consigo novos conceitos que, conseqüentemente, implicam outra abordagem no processo de estudo dos dados linguísticos e a compreensão do homem na e através da linguagem. Pois, de acordo com Culioli (1985, p. 01), “a linguagem é uma faculdade da espécie humana”<sup>61</sup>. Já que não há homem sem linguagem, ela é comum a todos os humanos. Ela tem algo específico: a capacidade de produzir ou construir paráfrases.

Assim, o que fazemos quando ouvimos enunciados? Temos, se isso for necessário, a oportunidade de tornar conhecidos nossos sentimentos e pontos de vista. O enunciado, como texto, é o que nos permite dizer o que pensamos (CULIOLI, 1990, p. 25). Entramos em diálogo, primeiro internamente e depois externamente, com base no enunciado ouvido, criando em simultâneo, classes de equivalência em relação a ele. Como resultado, a atividade de linguagem torna-se uma atividade de produção e reconhecimento de formas (formas empíricas), ou seja, uma atividade de representação através de seqüências textuais baseadas nos diferentes arranjos dos marcadores que são traços de operações.

Ressaltamos que no jogo entre sujeitos, o significado não é dado como uma construção teórica. Mas, é a capacidade de os sujeitos de fazerem ajustes bem sucedidos no jogo enunciativo com base no sucesso de determinadas operações. Ducard (2016, p. 114) considera que a atividade de linguagem de que Culioli fala é uma atividade simbólica de representação, que também pode ser qualificada de atividade significativa, da produção e de reconhecimento de formas interpretáveis.

Posto isto, Culioli (2010, p. 14) esclarece que a relação linguagem com as línguas naturais são de simetria e dissimetria, dado que “uma das propriedades da linguagem é construir relações de qualquer maneira”<sup>62</sup>, embora outras relações também possam ser estudadas.

60 No original: *Vademecum méthodologique* (CULIOLI, 1999a, p. 9). Trata-se de um problema de ordem metodológica e epistemológica.

61 No original: *Le langage est une faculté de l'espèce humaine* (CULIOLI, 1985, p. 01).

62 No original: *Une des propriétés du langage, c'est de construire des relations de toute façon* (CULIOLI, 2010, p. 14).

### 2.2.1.1 A Atividade de Representação

Conforme pontua Culioli (1990), a atividade de representação é psicológica e individual. Pois, cada indivíduo tem um modo particular de viver, no mundo, as experiências físicas e mentais. Desse modo, a atividade de representação contempla três níveis: o nível das representações mentais, o nível das representações linguísticas e, por último, o nível das representações metalinguísticas.

O nível I é o nível das representações mentais: a cognição (a racionalidade explícita, os sentimentos, a imaginação). Esse nível é inacessível à observação direta. Ou seja:

Neste nível, então, trata-se de representações que organizam experiências que desenvolvemos desde a nossa infância, que construímos a partir de nossas relações com o mundo, com os objetos, com os outros, com o nosso pertencimento a uma cultura, com o interdiscurso em que estamos imersos. Também neste nível, estamos envolvidos em operações de colocar as pessoas em contato umas com as outras, de ligação entre si, de construção de propriedades compostas (CULIOLI, 1999a, p. 21).<sup>63</sup>

Como não temos, enquanto linguistas, acesso direto aos dados do nível I, Culioli diz que buscar a mediação na identificação da natureza desses dados seria de competência do antropólogo e do bioquímico. Quanto ao linguista, ele se baseia no texto como parte constitutiva dos traços dessa atividade cognitiva. A outra parte é a parte cortical, cuja representação é impossível para o linguista ou mesmo para o neurologista.

Depois, temos o segundo nível, chamado nível II de representações. Este é o nível das representações que Culioli qualifica como linguístico. Ele é constituído pelos traços residuais da atividade de representação do nível I. É importante frisarmos que não há relação termo a termo com as representações do nível I e as representações do nível II. O nível II é o nível de representação das formas materiais e empíricas (os textos) (Ducard, 2016, p. 114). Portanto, as formas linguísticas não são etiquetas lexicais ou sintáticas. São, traços de operações cognitivas. Assim:

Se tivéssemos uma relação termo a termo, teríamos uma nomenclatura no caso grosseiro e, mais genericamente, uma codificação. Mas nós não temos um marcador - um valor. Podemos ter: um marcador - vários valores; vários marcadores - um valor. Em outras palavras, o problema da sinonímia e homonímia, ambiguidade e paráfrase, valores compostos, enfim, tudo menos um conjunto fixo de representantes e representações, vai surgir constantemente (CULIOLI, 1990, p. 22).<sup>64</sup>

---

63 No original : Il s'agit donc à ce niveau, de représentations qui organisent des expériences que nous avons élaborées depuis notre plus jeune enfance, que nous construisons à partir de nos relations au monde, aux objets, à autrui, de notre appartenance à une culture, de l'interdiscours dans lequel nous baignons. A ce niveau aussi s'effectuent des opérations de mise en relation, d'enchaînement, de construction de propriétés composées (CULIOLI, 1999a, p. 21).

64 No original : Si nous avons une relation terme à terme, nous aurions une nomenclature dans le cas le plus grossier et, de façon plus générale, un codage. Or, on n'a pas un marqueur – une valeur. Nous pouvons avoir : un marqueur – plusieurs valeurs ; plusieurs marqueurs – une valeur. En d'autres termes, va surgir sans arrêt le problème de la synonymie et de l'homonymie, de l'ambiguïté et de la paraphrase, des valeurs composites, bref, tout sauf un jeu fixe entre représentants et représentations (CULIOLI, 1990, p. 22).

Além disso, Culioli acredita que essa variabilidade, que ele qualifica como labilidade, explica a invariância que garante a estabilidade da produção - reconhecimento das formas sonoras (ou gráficas). Ele também admite a existência de um código (usando codificação - decodificação) ao qual ele tem reservas já que os linguistas o consideram e usam do ponto de vista metafórico.

Finalmente, temos o terceiro nível, chamado nível III de representações. Este é o nível de construção explícita das representações metalinguísticas (CULIOLI, 1999a, p. 22). É o nível das representações que são representantes das representações de nível II, relacionadas ao nível I. É o nível onde a metalinguagem funciona como um cálculo. Para Culioli,

Calcular significa operar fora de intervenções subjetivas e de curto-circuitos intuitivos. Calcular também significa poder se engajar nessa transição do local para o regional, ou seja, até mesmo o global, que já mencionei. Significa poder decompor os procedimentos de generalização pelos quais passamos de uma classe de fenômenos para outra, de uma língua para outra, nunca abandonando a variação empírica em nossa busca de invariância. Pois, é de fato com invariantes que estamos lidando e não com a gramática universal, uma noção que é bastante obscura. (CULIOLI, 1990, p. 23)<sup>65</sup>.

Dada a complexidade dos fenômenos a serem descritos, é necessário adotar procedimentos eficientes. Portanto, a construção de um sistema (como tínhamos explicado acima) de representação metalinguística é imperativa. Tal construção só é possível a partir dos procedimentos canônicos de abstração e formalização dos quais temos uma metalinguagem explícita, estável, externa e coerente.

### **2.2.1.2 A Atividade de Referenciação**

A referenciação, segundo Culioli (1999a, p. 164), é a ligação dos representantes de Nível I aos marcadores de Nível II. Estes marcadores são, na verdade, formas muito características nas línguas naturais. Assim, a cada marcador são atribuídos determinados valores específicos. Isso possibilita o que Culioli chama relação dupla, não simétrica entre noções e marcadores. Da mesma forma, ele diz o seguinte:

[...] Todo marcador fornece o histórico de uma construção pela qual se gera uma bifurcação, um marcador enunciativo, a atribuição de posições subjetivas, a seleção, a partir dessa posição original, de uma representação em um par ponderado de representações (...). Em outras palavras, não há marcador isolado, não há marcador sem o traço memorizado de sua gênese, não há marcador(...) que não resulte do ajuste de duas representações complementares pertencentes ao mesmo domínio de uma categoria notional; todo objeto (meta)linguístico esconde uma alteridade constitutiva. É o trabalho enunciativo de identificação (subjetiva e intersubjetiva; espacial-temporal; quantitativa

---

65 No original : Calculer, c'est opérer en dehors des interventions subjectives et des courts-circuits intuitifs. Calculer, c'est aussi pouvoir s'engager dans ce passage du local au régional, voire au global dont j'ai déjà parlé. C'est donc pouvoir décomposer les procédures de généralisation par lesquelles on passe d'une classe de phénomènes à une autre classe, d'une langue à une autre, n'abandonnant jamais la variation empirique dans notre recherche de l'invariance. Car c'est bien d'invariants qu'il s'agit et non pas de grammaire universelle, notion finalement assez obscure (CULIOLI, 1990, p. 23).

e qualitativa) que, ao compor o complexo ajuste de representações e enunciadores, suprime, destaca ou mascara essa alteridade (CULIOLI, 1990, p. 102-103).<sup>66</sup>

Podemos dizer que a referenciação corresponde a relações relativamente estabilizadas entre os níveis I e II pelos sujeitos enunciadores no espaço-tempo; a apropriação de um sistema de marcadores que nos permitem reconhecer a forma do enunciado atribuindo-lhe um valor referencial e, finalmente, facilita a regulação.

Franckel (2006, p. 56), ainda no campo da referenciação, identifica dois tipos de referentes: o referente dado e o referente construído. O primeiro, ele acredita ser do mundo do extralinguístico. No que lhe concerne, o segundo, o referente construído, é determinado pela forma do enunciado. A referenciação e a regulação têm uma relação de complementaridade. Então, o que se entende por regulação? Qual é o seu lugar no funcionamento da atividade de linguagem?

### 2.2.1.3 A Atividade de Regulação

A regulação trata da equilibração das representações entre os sujeitos na atividade de representação e tem um papel central na atividade de linguagem. Ela pode ser entendida do seguinte modo:

(1) o sistema é autorregulado através da reflexão inconsciente (bem como consciente) dos sujeitos sobre sua própria atividade de linguagem, daí um processo interminável de transformação e deformação; (2) a regulação intersubjetiva consiste em ajustar quadros de referência e representações, em validar um enunciado com respeito a um estado de coisas ou uma classe de estados de coisas, em construir caminhos válidos e trajetórias orientadas por metas em espaços ponderados (a pesagem diz respeito a efeitos benéficos ou prejudiciais, primeiro plano e segundo plano, etc.); (3) outra forma de teleonomia diz respeito a processos internos como estabilização, preponderância, equilibração e, de modo geral, boa forma, [...] (CULIOLI, 1990, p. 181)<sup>67</sup>.

Posto isso, a atividade de regulação consiste em uma intuição dos sujeitos enunciadores que os permite ter sucesso nas relações intra e intersubjetiva. Por exemplo, quando diante da noção /casa/, os sujeitos, inseridos em um mesmo tempo-espaço da enunciação, conseguem realizar ajustes, ou seja, os sujeitos enunciadores são capazes de regular suas representações em relação uns aos outros. A regulação é a atividade que torna possível o ajuste, a equilibração.

66 No original: Tout marqueur fournit l'histoire d'une construction par laquelle on engendre une bifurcation, un repère énonciatif, l'assignation de positions subjectives, la sélection, à partir d'une telle position origine, d'une représentation dans un couple pondéré de représentations (...). En d'autres termes, il n'y a pas de marqueur isolé, il n'y a pas de marqueur sans la trace mémorisée de sa genèse, il n'y a pas de marqueur (...) qui ne soit issu de l'ajustement de deux représentations complémentaires appartenant au même domaine d'une catégorie notionnelle ; tout objet (méta)linguistique recèle d'une altérité constitutive. C'est le travail énonciatif de repérage (subjectif et intersubjectif ; spatio-temporel ; quantitatif et qualitatif) qui, en composant l'ajustement complexe des représentations et des énonciateurs, supprime, met en relief, ou masque cette altérité (CULIOLI, 1990, p. 102-103).

67 No original : Regulation plays a central role in language activity: (1) the system is self-regulated through the subjects unconscious (as well as conscious) reflexion on their own language activity, hence a never-ending transforming and deforming process; (2) intersubjective regulation consists in adjusting frames of reference and representations, in validating an utterance with respect to a state of affairs or a class of states of affairs, in constructing valued pathways and goal-directed trajectories in weighted spaces ( the weighing concerns beneficial or detrimental effects, foregrounding and backgrounding, etc) ; (3) another form of teleonomy concerns such internal processes as stabilization, preponderance, equilibrium and, generally speaking, good form, to use a Gestalt term (CULIOLI, 1990, p. 129).

Portanto, dada a complexidade e diversidade dos fenômenos linguísticos, a regulação desempenha esse papel de equilíbrio na atividade de linguagem. Ela implica uma deformação e estabilização<sup>68</sup> dos objetos que mantêm relações dinâmicas localizadas em espaços e tempos relativos aos domínios e que permitem aos sujeitos participar plenamente dos jogos enunciativos (CULIOLI, 1990, p. 129). Veremos, no capítulo a seguir, como ocorre a construção do enunciado na TOPE. Isso evidencia a importância de conhecer o caminho que o enunciado se constrói.

### 2.2.2 O Processo de Construção do Enunciado

« A. C. - Sim, a enunciação, eu a tomei no sentido estrito. De fato, eu a tirei de toda a teoria estoica, mas misturada com atomismo para certas coisas também. Foi realmente com os gregos que eu a encontrei (GRÉSILLON & LEBRAVE, 2012, p. 150-151).<sup>69</sup>

A escola de Culioli remonta uma tradição muito mais antiga. Na entrevista concedida a Grésillon & Lebrave (2012, p. 150-151), Culioli, *aequo animo*<sup>70</sup>, para explicar o fenômeno da enunciação, utiliza a filosofia estoica. Citando Sêneca (*La lettre 117 des Lettres à Lucilius*), ele dá a etimologia do lexema enunciado com alguns outros lexemas como enunciação, enunciativo, enunciável.

Segundo o texto de Sêneca, do *enuntiativum*, temos a palavra *lekton*, que significa enunciável. Por um lado, o *lekton* é entendido como o vazio, o tempo, o lugar, etc. Isto é, o que para os estoicos, não têm corpo, o incorpóreo, o imaterial em oposição ao corpóreo, o material ou o *sômata*, como a voz (CULIOLI, 1990, p. 49). O *lekton* é sinônimo do que pode ser transmissível. O enunciável é formado no particípio passado com a desinência em *-ton(lek-ton)*. Por outro lado, temos o *dictum* que é o dito e um *modus*, ou seja, uma espécie de conteúdo de pensamento na Idade Média que, no entanto, é imaterial, pois está apenas em abstração (CULIOLI, 1985, p. 19).

Em suma, o *lekton* estoico nos permite entender o que é um enunciativo, uma alguma coisa, um dizível (um *dicible*<sup>71</sup> ou *disable*<sup>72</sup> sem um aspecto concreto porque é imaterial). De acordo com Culioli, o enunciativo pode ser resumido em três pontos essenciais: (1) a construção de representações de ordens nocionais, subjetivas e culturais; (2) a construção de um espaço de referência ajustado entre os sujeitos; (3) a regulação a partir de objetivos dos quais estamos aproximadamente conscientes e que, necessariamente, envolvem interações complexas entre categorias heterogêneas.

Podemos falar, ainda, do enunciativo quando qualquer análise no campo linguístico lida com a prosódia, sintaxe, semântica, pragmática, todas elas em bloco, então, esta análise é enunciativa, mas não é o nosso propósito adentrar nessa discussão aqui. Advogamos que o enunciável parece ser a construção abstrata do objeto enunciado; o enunciado é o dito. É um potencial reconstruído, ativado pela atualização do enunciado.

Para Franckel,

68 Mas, falando de estabilidade, não se trata de uma certa rigidez ou imutabilidade.

69 No original : A. C. – Oui, l'énonciation, je l'ai prise au sens strict. Je l'ai tirée en fait de toute la théorie stoïcienne, mais mélangée d'atomisme aussi pour certaines choses. C'est vraiment chez les Grecs que je l'ai trouvée (GRÉSILLON & LEBRAVE, 2012, p. 150-151).

70 Expressão latina: com a alma serena.

71 Em francês.

72 Idem

Um enunciável se apresenta como uma sequência ou frase extraída de um enunciado e que retém apenas alguns de seus componentes. Um enunciável constitui, portanto, uma abstração do enunciado, fora de uma interpretação estabilizada. Aparece como uma espécie de “instantâneo” na construção de um enunciado (FRANCKEL, 2006, p. 54).<sup>73</sup>

Entretanto, se concordarmos com Franckel (2006, p. 54), que o enunciável é uma espécie de instantaneidade, então, enunciado seria o oposto. É oportuno que o próprio Culioli<sup>74</sup> não pense no enunciado como uma simples ocorrência material (concreta), mas também como uma construção teórica, que deriva de um arranjo de marcadores que nada mais são do que vestígios de operações. Cada vez que temos uma atividade de linguagem, esta atividade nos envia de volta aos enunciadores.

No Glossário de Terminologia Linguística da TOPE, escrito por Chuquet, Chuquet e Gilbert, o enunciador<sup>75</sup> é visto como o marco de origem subjetivo fazendo parte integrante do sistema de localização. Nota-se: S<sub>0</sub> (letra laçada, dita ou conhecida como S zero)<sup>76</sup>. O enunciador não deve ser confundido com o locutor, mesmo que o locutor possa desempenhar o papel tanto de locutor quanto de enunciador. Decidimos partir de um exemplo. Vejam os seguintes enunciados:

(19) Koffi, a da mólíkun wε á?

Kofi / você ou tu / cozinhar / arroz/ marcador wε / interrogativo?

Kofi, é arroz que você cozinhou?

(20) Eo! mólíkun wε un da a.

Não / arroz / marcador wε / eu / cozinhar / negativo.

Não é arroz que eu cozinhei não.

No enunciado (19), temos um locutor que também está desempenhando um papel de um enunciador. Ele se dirige a um co-enunciador designado por Koffi e pelo pronome a = você. Devemos diferenciar entre o sujeito-enunciador denotado S e o sujeito de um enunciado (a = você, no enunciado 19, e un = eu, no enunciado 20) que é chamado sujeito sintático denotado C<sub>0</sub> (complemento de grau zero). Nas línguas africanas, o C<sub>0</sub> está imediatamente do lado esquerdo do verbo. Além de C<sub>0</sub>, podemos ter C<sub>1</sub> (complemento de ordem 1), C<sub>2</sub>, C<sub>3</sub> até C<sub>n</sub> de acordo com os enunciados.

Na posição enunciativa, o enunciador entra em primeiro lugar em uma posição de localização com o locutor e, em segundo lugar, com o co-enunciador que também se constrói em relação ao locutor.

---

73 No original : Un énonçable se présente comme une séquence ou une phrase extraite d'un énoncé et qui n'en retient qu'une partie des composantes. Un énonçable constitue donc une abstraction d'énoncé, en deçà d'une interprétation stabilisée. Il se présente comme une sorte « d'instantané » dans la construction d'un énoncé (FRANCKEL, 2006, p. 54).

74 Antoine Culioli. *Linguistique du discours et discours sur la linguistique*. Département de Recherches Linguistiques, Paris VII, p. 486

75 Glossaire français-anglais de terminologie linguistique, Théorie des opérations énonciatives : définitions, terminologie, explications (p. 2).

76 S é pelo sujeito e Zero para indicar que tomamos este sujeito como origem das localizações



Culioli (1990, p. 25), dando sua explicação do que são enunciadores em uma atividade de linguagem, aborda o assunto como uma crítica aos modelos de comunicação propostos por pesquisadores como Shannon e Weaver, Jakobson, Lasswell, Wiener, etc. Para ele, os modelos propostos por esses autores não favorecem o ajuste entre sujeitos e não permitem a modulação e a deformação. A mensagem entre os sujeitos é entendida como um veículo de informação estabilizado. No entanto, a atividade de linguagem não é uma atividade informativa sem *jogo intersubjetivo* e margem estilística.

Portanto, ele vai dizer que:

A atividade da linguagem não consiste em transmitir sentido, mas em produzir e reconhecer formas como traços de operações (de representação, referenciação e regulação). O significado não é, portanto, transmitido, mas (re)-construído. A relação entre produção e reconhecimento pressupõe a capacidade de ajuste entre sujeitos (CULIOLI, 1990, p. 26).<sup>77</sup>

Baseando-nos no reenquadramento de Culioli sobre a questão dos sujeitos em situação de enunciação, podemos nos aprofundar um pouco mais sobre quais são as características de um sujeito enunciador. Para Culioli (1990, p. 30), numa situação de enunciação, o conceito de sujeito refere-se ao enunciador<sup>78</sup>. Assim, o enunciador entra em uma relação de alteridade com o co-enunciador de tal forma que temos a presença de uma coalescência ou separação. Já o locutor e o interlocutor estão sempre separados.

O efeito regulador que ocorre entre o enunciador e o co-enunciador permite, quando o enunciador fala ou age numa situação de enunciação, que ele se coloque no lugar do co-enunciador de modo a interpretar os enunciados e influenciá-lo constantemente através de suas reações. De acordo com Pria (2013, p. 54),

a função reguladora coloca em jogo um conjunto de relações de alteridade entre representações – linguísticas, musicais, imagéticas, gestuais, sonoras e cognitivas – de um sujeito e aquelas que ele acredita serem as representações de outro sujeito quanto ao universo psico-físico-cultural.

### 2.2.2.1 A Léxis

No processo de construção de um enunciado, a léxis é a *conjunção de uma forma* e de *um conteúdo*. Este formulário será chamado *esquema de léxis*. Este esquema de léxis funciona como um filtro lexical e assim, dependendo das circunstâncias, permite ao sujeito enunciador selecionar três termos do léxico (VIGNAUX, 1995). É composto por três elementos: <  $\xi_0$ ,  $\xi_1$ ,  $\pi$  >. O último elemento do esquema de léxis é chamado relator como indicado pelo seu nome *relator* ou *variável pregador do operador*; permite relacionar as noções de argumentos que Culioli (1990a, p. 100) chama *variáveis argumentos* instanciando os quadrados chamados quadrados vazios <  $\xi_0$ ,  $\xi_1$  >. O variável operador

<sup>77</sup> No original : L'activité du langage ne consiste pas à véhiculer du sens, mais à produire et à reconnaître des formes en tant que traces d'opérations (de représentation, référénciation et régulation). La signification n'est donc pas véhiculée, mais (re)-construite. La relation entre production et reconnaissance suppose la capacité d'ajustement entre les sujets (CULIOLI, 1990, p. 26).

<sup>78</sup> Para Culioli, o campo inter-sujeitos não deve ser confundido com a mecânica interlocutória.

(relator  $\pi$ ), em um sintagma de determinação, pode desempenhar o papel de ponte entre pelo menos dois argumentos. Segundo a léxis:

(21) < Koffi, Afi, beijar >

Podemos ter como  $\xi_0$  = Codjo,  $\xi_1$  = Afi e,  $\pi$  = beijar. Da mesma forma, o variável operador (relator) também pode desempenhar o papel de predicado. Assim,  $\pi$  = beijar pode ser o predicado em:

(22) Koffi beija Afi.

No que diz respeito aos argumentos, eles são construídos com base na relação primitiva e no esquema de léxis.

### 2.2.2.2 A Relação Primitiva

Consideramos, portanto, útil abordar a noção de relação primitiva a fim de facilitar a apreensão das noções de argumentos. Entendemos aqui por relativamente primitivo o(s) termo(s) que entra(m) na relação predicativa e que cai/caem em um domínio chamado domínio nocional. Assim, o que faz uma relação chamada relação primitiva é a relação que existe entre a parte e o todo, entre o interior e o exterior, etc.

A relação primitiva é uma relação ordenada. É por isso que também é chamada relação ordenada. É composto por dois elementos característicos fundamentais: *a fonte e o objetivo*. Na verdade, a fonte é o que chamamos *agente*, o que se refere à complexa relação de representatividade que, por sua vez, é composta por outros elementos, tais como:

- Noção de animado (humano, animado, adulto, etc.),
- Noção do determinado (individual, massivo, inquebrável, etc.),
- Teleonomia (iniciante, consciente ou inconsciente, forçado, etc.),
- Apreciativo (interessante, indiferente, prejudicial, etc.),

O objetivo é a ação. Na relação primitiva a ordem é principalmente entre a fonte que é o agente e o objetivo que é a ação. Isso não significa que eles sejam os únicos elementos característicos. Embora tenhamos notado acima que eles são os fundamentais e não os únicos. A relação primitiva, participa da construção do predicado e dos argumentos.

Para isso, identificamos um primeiro argumento de ordem zero (0) e depois um segundo argumento de ordem um (1). A léxis  $\lambda$  torna-se assim o resultado de “a instanciação de um esquema por termos que são eles próprios construídos a partir de noções”<sup>79</sup> (CULIOLI, 1999a, p. 101). Consequentemente, construir uma léxis significa construir um conjunto de relações a partir dos elementos da relação predicativa.

A noção de argumento  $\xi$  pode ser nominal ou proposicional. No caso nominal, temos a léxis:

---

79 No original : l’instanciation d’un schéma par des termes eux-mêmes construits à partir de notions (CULIOLI, 1999a, p. 101).

(23)  $\lambda = \langle \text{Fúmi, bicicleta, comprar} \rangle, \langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$

A léxis (23) pode levar a um possível enunciado como:

(24) Fúmi comprou bicicleta,  $\langle \xi_0, \pi, \xi_1 \rangle$ .

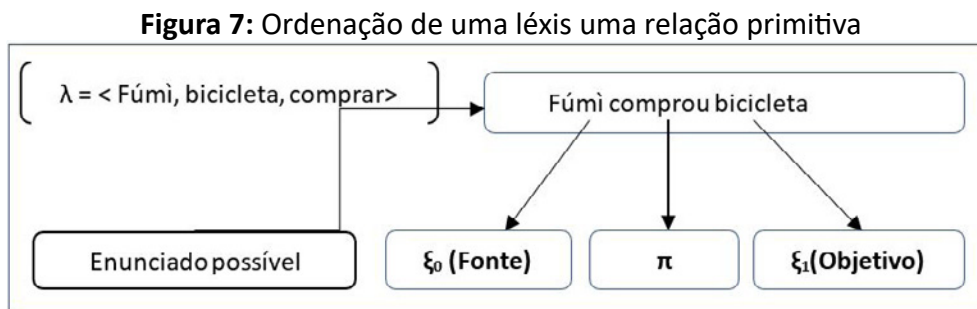
No caso proposicional, podemos ter a léxis:

(25)  $\lambda = \langle \text{Fúmi, } \langle \text{bicicleta nova} \rangle, \text{ comprar} \rangle, \langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$

A léxis (25) também pode levar a um possível enunciado como:

(26) Fúmi comprou uma bicicleta nova  $\langle \xi_0, \pi, \xi_1 \rangle$

Tomemos novamente como exemplo o enunciado derivado da léxis (23) na forma de uma representação esquemática. Vejamos:



Fonte: Elaborado pelo autor

Acrescentamos que a partir de uma léxis, podemos ter vários enunciados derivados. É o denominador comum de uma classe de enunciados parafraseados. Em seguida, os enunciados estão localizados em espaços enunciativos referenciais. Pois, segundo Culioli (1999a, p. 101), um enunciado é o produto da operação  $\langle \lambda \in \text{Sit} \rangle$ . Nós representamos este esquema na seguinte forma:

**Figura 8: Ordenação de uma léxis uma relação enunciativa**

$$\langle \xi_0, \pi, \xi_1 \rangle \in \text{Sit} (S, T)$$

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Culioli (1999a)

A léxis  $\lambda$  é assim apresentada como uma geradora de formas derivadas, por assim dizer, uma família parafrástica. Essa família está muito mais focada na forma semântica dos enunciados.

É um trabalho de reformulação que permite estabelecer uma ligação entre os diferentes

enunciados derivados de uma mesma léxis. Só é possível estudar a identidade semântica de uma unidade lexical, em um conjunto de enunciados, daí a presença do esquema léxis. Se a léxis de que Culioli fala já é indispensável na construção de um enunciado, ela também estabelece uma relação entre tempo e espaço. O conceito da dupla espaço-tempo permitiu a Culioli introduzir o conceito do evento enunciativo. O evento enunciativo é como uma pintura colorida que apresenta sujeitos que dizem coisas uns aos outros e poderem ser identificados em um espaço-tempo com características específicas.

### 2.2.2.3 A Relação Predicativa

Concordamos que a léxis, devido à sua construção, é composta por três lugares vazios e que cada um deles respeita uma ordem no esquema em que se encontra. Seguindo Robert,

uma relação predicativa adquire o status de enunciado quando está localizado (identificado e, portanto, determinado) em um espaço enunciativo, constituído de duas coordenadas: Assim  $S_0$  sujeito enunciador e  $T_0$  tempo e lugar da enunciação (ROBERT, 1989, p. 105).<sup>80</sup>

Culioli, sobre valores modais e operações enunciativas<sup>81</sup> diz o seguinte:

[...] É claro que estou construindo a partir de um sistema gerador, uma classe de formas equivalentes. Sabemos que chamaremos léxis o que induz o sistema gerador e parafraseamos família a classe de enunciados, que pode ser definida como uma classe de ocorrências moduladas (CULIOLI, 1990, p. 137)<sup>82</sup>.

Sabemos agora que a léxis  $\lambda$  é essencial para a construção de classes de ocorrências equivalentes e classes variáveis de enunciados a partir da glosa ou paráfrase. Com base no esquema de léxis que discutimos em detalhe no ponto anterior, notamos que o que pode permitir a transformação de uma léxis em uma relação predicativa é a escolha do termo que constituirá a base do enunciado. Esta escolha fica a cargo do enunciador ou dos sujeitos ativos.

É uma localização predicativa que o enunciador dá a fim de fixar ideias. Este termo é chamado termo de partida. O termo de partida pode ser qualquer um dos termos da léxis  $\langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$ . O termo de partida é o que Culioli (1999a, p. 105) chama *tópico* ou o que chamamos temático. A relação predicativa se dá, pois, organizando e reorganizando o termo de partida e os demais termos que compõem o comentário sobre o tema. Quando  $\xi_0$  funciona como um termo de partida, temos enunciados que são comentários sobre a fonte. Quando  $\xi_1$  funciona como um termo de partida, temos enunciados que são comentários sobre o objetivo. Quando  $\pi$  desempenha o papel de um termo inicial, temos neste caso uma simples observação do evento.

80 No original : Une relation prédicative acquiert en effet le statut d'énoncé, lorsqu'elle est située (repérée donc déterminée) dans un espace énonciatif, constitué des deux coordonnées: So le sujet énonciateur et  $T_0$  le moment et lieu de l'énonciation (ROBERT, 1989, p.105).

81 Título do artigo no Tome 1.

82 No original: [...] Il est clair que je suis en train de construire à partir d'un système générateur, une classe de formes équivalentes. On sait que nous appellerons lexis ce qui induit le système générateur et famille paraphrastique la classe d'énoncés, que l'on peut définir comme une classe d'occurrences modulées (CULIOLI, 1990, p. 137).

Numa relação predicativa tendo como termo de partida a fonte, o enunciado produzido ou obtido é uma diátese ativa (a voz ativa) e o oposto, ou seja, se é o objetivo que constitui o termo inicial, obtemos uma diátese passiva. Isto não quer dizer que haja estabilidade e que o papel dos passivos e/ou ativos seja conhecido de antemão. Pior ainda, no que diz respeito ao passivo, não se pode afirmar que se tenha uma orientação fixa. Sobre esse assunto, Culioli diz o seguinte:

Em todo caso, surge o problema da unidade da passivação através das línguas: nas certas línguas, simplesmente, não há passivação; em outras, há apenas uma forma, mas os marcadores de orientação indicarão a orientação da relação predicativa. Em outras línguas, intransitivo e reflexivo serão relacionados, e, poderão marcar a diátese passiva. Quanto ao agente, ele é optativo em certas línguas, obrigatoriamente apagado em outras, apagado ou não de acordo com o grau de determinação [...] (CULIOLI, 1990, p. 15).<sup>83</sup>

É uma relação predicativa que permite conhecer a diátese (ativa ou passiva) de um enunciado. Aqui, novamente, um elemento da léxis deve ser considerado para servir de localizado. Assim, mantemos que uma relação predicativa é composta por dois conjuntos que são o *termo de partida* e o *restante*. É a etapa pré-final na construção do enunciado.

#### **2.2.2.4 A Relação Enunciativa**

Antes de falarmos da relação enunciativa, devemos lembrar que a predicação é o lugar que um sujeito enunciador primeiro ordena os termos da léxis. Ele decide qual termo será considerado como origem e então atribui esta ordem a uma modalidade de asserção e estabelece uma relação predicativa entre os termos (VIGNAUX, 1995, p. 572). Em uma segunda etapa, o sujeito situa a relação construída entre os termos referindo-se a uma determinada situação de enunciação (um espaço-tempo). Ao fazer isso, ele se apoia sobre a ideia que ele constrói do seu co-enunciador. É a este processo que nos referimos como relação enunciativa. Finalmente, na relação enunciativa temos as propriedades relacionadas às modalidades, aspecto, determinação e diátese, que nada mais são do que adições aos termos do esquema de predicação, ou seja, estão relacionadas a um esquema lexical. Vejamos no capítulo a seguir a noção e o domínio nocional.

#### **2.2.3 A Noção e o Domínio Nocional**

##### **2.2.3.1 A Noção**

De acordo com Culioli (1990, p. 50), a noção é um sistema complexo de representações composto de propriedades físico-culturais. É a articulação de (meta)linguística e não linguística (CULIOLI, 1999b, p. 10), ou seja, pode ser entendida de duas maneiras: (1) a representação não linguística, que está ligada ao

---

<sup>83</sup> No original : De toute façon, le problème de l'unité de la passivation à travers les langues se pose : dans certaines langues, on n'a tout simplement pas de passif ; dans d'autres, on a une seule forme, mais des marqueurs d'orientation vont indiquer l'orientation de la relation prédicative. Dans d'autres langues, intransitif et réflexif seront apparentés et pourront marquer la diathèse passive. Quant à l'agent, il est facultatif dans certaines langues, obligatoirement effacé dans d'autres, effacé ou non selon le degré de détermination [...] (CULIOLI, 1990, p. 15).

estado do conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de cada indivíduo; (2) a primeira representação metalinguística. A noção de acordo com Culioli (1999b, p. 10), também é definida em termos de intensão e pode ser observada em termos de qualidade. Nessa fase, ela pode ser estudada da seguinte forma: (1) é inquebrável, ou seja, compacto (forma um todo, um bloco); (2) é insaturado e previsível, tendo como termos um lugar vazio e tendo como propriedade P, ou seja ( ) P. O esquema, por seu caráter instantâneo, é a formação da noção que se baseia na forma de quantificação notada QLT. É este processo de construção de ocorrências que leva à construção do domínio que chamamos de domínio nocional.

### 2.2.3.2 A Ocorrência

De acordo com Culioli (1990, p.55), existem dois tipos de ocorrências: ocorrências fenomenais e ocorrências linguísticas (e metalinguísticas). As ocorrências fenomenais são de natureza antropológica<sup>84</sup> e não são de responsabilidade do linguista. Entretanto, participam da apreensão e manipulação de fenômenos linguísticos complexos. Temos então as chamadas ocorrências linguísticas que se referem diretamente à construção do linguista ou de forma mediada. Considerando as diferenças entre as ocorrências que também apresentam traços subjetivos e espaços-temporais:

Uma ocorrência é um evento enunciativo que delimita uma parte do espaço/tempo especificado pela propriedade P. Inversamente, a propriedade P é inserida num texto graças a um conjunto de determinações que lhe confere um status de ocorrência (menção de dicionário, título, membro de uma enunciação). Este último pode ser sujeito à regulação intersubjetiva (CULIOLI, 1999b, p.11).<sup>85</sup>

No que diz respeito à delimitação do conceito em ocorrências antes de sua introdução no enunciado, ela é feita de acordo com a operação de quantifiabilização (quantificação e qualificação) ou fragmentação. Por um lado, a operação de determinação quantitativa ou de quantificação pressupõe a localização no tempo e no espaço da ocorrência do que construímos. Esta parte tempo-espaço que delimita um evento enunciativo é o que Culioli corretamente chama intervalo ligado ao processo. Além disso, na mesma perspectiva, Culioli identifica dois tipos de construção de ocorrência de processo. De acordo com De Vogüé (1987) e Franckel (1989), temos ocorrências situacionais, definidas como ocorrências de processo localizado no tempo; e ocorrências nocionais referentes ao processo não localizado temporalmente. Todavia, às ocorrências nocionais, suas construções dependem exclusivamente do sujeito enunciador, ou seja, do parâmetro S. Elas são definidas intencionalmente, ou seja, como ocorrências abstratas determinadas qualitativamente e quantitativamente. Essas ocorrências não são assertivas, já que são apresentadas como ocorrências não-factuais. Por outro lado, a operação de determinação qualitativa ou qualificação consiste em avaliar as ocorrências com um valor típico. A este nível, a ocorrência é identificada ou diferenciada qualitativamente neste valor tipo. Do exposto

<sup>84</sup> Aqui o foco é muito mais sobre o sujeito e o tempo, seu espaço em relação às propriedades variáveis, etc.

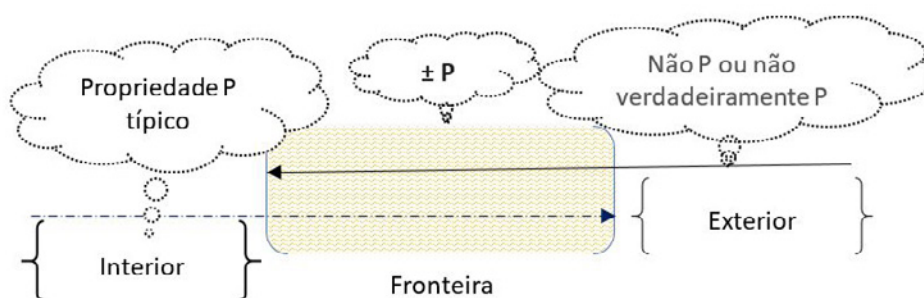
<sup>85</sup> No original : Une occurrence est un événement énonciatif qui délimite une portion d'espace/temps spécifiée par la propriété P. Inversement, la propriété P est insérée dans un texte grâce à un jeu de déterminations qui lui donne un statut d'occurrence (mention du dictionnaire, titre, membre d'un énoncé). Cette dernière peut faire l'objet d'une régulation intersubjective (CULIOLI, 1999b, p.11).

acima, podemos dizer que a construção das ocorrências não pode ser possível sem a ocorrência tipo que é chamado centro organizador. Por conseguinte, assinalamos o processo de construção de ocorrências leva à construção do domínio nocional.

### 2.2.3.3 O Domínio Nocional

O domínio nocional consiste em toda a classe de ocorrências construídas a partir de uma propriedade P (CULIOLI, 1990, p. 53-54). Assim, a classe de ocorrências é o resultado da delimitação sobre a noção. Essas ocorrências podem ser entendidas de três maneiras: (1) são representações abstratas; (2) são qualitativamente indistinguíveis; (3) são individualizáveis porque a existência de uma classe de ocorrências requer uma separação de ocorrências que permita apreendê-las em cada uma de suas especificidades. O domínio é estruturado por: (1) um Interior, (2) um Exterior e (3) uma Fronteira. Vejamos no esquema a seguir o posicionamento deles:

**Figura 9:** Estrutura do domínio nocional



**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em Culioli (1985)

Em primeiro lugar, o Interior (I) (ou os valores positivos) é o conjunto de ocorrências que tem as características, ou seja, as propriedades típicas da noção P. Também, podemos afirmar que as ocorrências do interior entram em uma relação de identificação (=) com o centro organizador. Quando tomamos, por exemplo, “X faz pintura” e podemos realmente dizer que “X faz pintura”, então “X faz pintura”. Em vista disso, validamos toda a ocorrência de  $\lambda \in \text{Sit}$ . Mas, quando dizemos “Ah, mas não é exatamente pintura”, não estamos dizendo a mesma coisa que dissemos antes. Logo, neste caso, damos um salto. Passamos de um ponto para outro que é o negativo de P. Observamos então a passagem do que é “ainda pintura” para “não é/ou não é mais exatamente pintura”. Neste caso, o “mais” marca que, ao estar no interior do domínio, estamos procurando ver se há mais um ponto que possamos validar e vemos que, se houvesse mais um, ele não seria incluído no domínio. Temos, por exemplo, o caso do marcador “não”. Tomando o caso do domínio aspectual, podemos dizer o seguinte: quando vemos que *alguém está fazendo algo*, podemos dizer que *a pessoa está necessariamente fazendo algo*. Mas, a outra coisa é que essa pessoa pode estar terminando de fazer. Portanto, estamos no interior do domínio já que ela ainda está na ação de fazer (CULIOLI, 1990, p. 59).

Então o exterior (E) (ou valores opostos, ou valores negativos, ou valores por excelência, ou vazios) é o conjunto de ocorrências que não têm as propriedades da noção P. Ele entra numa relação de

ruptura ( $\omega$ ) com o centro organizador. Quando temos, por exemplo, *pas du tout*<sup>86</sup>, na construção *ce n'est pas du tout de la peinture*, nós estamos no exterior do domínio. O "tout" marca o retorno necessário ao interior construído: a operação varre o interior. Assim, o resultado é que não encontramos nada que chegue perto, nada que esteja nem perto, nem longe. De fato, é o *nada de tudo*<sup>87</sup> (CULIOLI, 1990, p. 62). Em um domínio nocional, quando falamos do interior é o lado esquerdo (cf. Figura 9 acima). É ao mesmo tempo, uma abertura e o interior do complementar. Quanto ao exterior, é a parte direta (cf. Figura 9 acima) e, é também aberto. É o interior do complementar. Um complementar é, portanto, um fechado, se o interior for um aberto; e neste caso será: fronteira mais exterior (F.E). E se tomarmos o exterior, o complementar será o interior mais a fronteira (I.F) (CULIOLI, 1985, p. 46).

Em suma, a fronteira (F) é composta de parte das características da noção P e da noção não-P. É apresentada como aquela que tem a propriedade P e, ao mesmo tempo, a propriedade alterada. Isso significa que não é mais totalmente P, que não tem propriedade P, mas que não é totalmente externo (CULIOLI, 1990, p. 88). Ela é uma zona híbrida cuja ocorrências com propriedades do exterior e do interior entram em uma relação de diferenciação ( $\neq$ ) com o centro organizador. Também pode ter um valor nulo, ou seja, esvaziado. Podemos representá-la da seguinte forma:

**Figura 10:** A fronteira



**Fonte:** Culioli (1985, p. 45)

Do exposto, trabalhando em um sistema de dois valores, construímos uma fronteira vazia. Para isso, a fronteira introduz uma disjunção entre um lado P e um lado P' (CULIOLI, 1985, 45).

A seguir, abordaremos o tipo e o atrator na organização do domínio nocional.

### **2.2.3.3.1 Tipo e Atrator**

Na construção de uma classe de ocorrências, há necessariamente um termo que serve como modelo. As ocorrências com a mesma propriedade são avaliadas por diferenciação e identificação. Este termo que serve como modelo ou referência é chamado de *tipo*. O tipo permite assim

organizar a fragmentação da noção através da construção de uma ocorrência privilegiada e diferenciada, uma ocorrência representativa que possui duas propriedades: a) é definível, ou seja, exibível enunciativamente; b) é consistente com uma representação.

<sup>86</sup> A tradução de "pas du tout" em português pode nos dar a possível construção de "nada". Mas, "nada" não nos permite dizer exatamente o que queremos expressar. Preferimos manter a versão original que nós emprestamos do Culioli (1990).

<sup>87</sup>No original : rien du tout ( CULIOLI, 1990, P.62).



Estamos lidando com um laço: P refere-se a ser P, ou seja, QLT: a partir de uma experiência do mundo isolamos suas propriedades que são refundidas em um representante exemplar [...] (CULIOLI, 1999b, p. 12).<sup>88</sup>

A fim de construir representações através da atividade simbólica da linguagem, a identificação é necessária. Nós, primeiro, representamos o que é antes de pensar no que não é. Esta ocorrência representativa pode ser apresentada como uma enumeração de propriedades. Quando dizemos cavalo, podemos ter as seguintes formas: o que chamamos cavalo, nossa ideia de cavalo, o que é um cavalo de verdade, o que é um cavalo de verdade para nós. Em grande medida, o trabalho metafórico depende desta propriedade fundamental da atividade da linguagem com toda a plasticidade e deformabilidade necessárias. O tipo aparece como esta condição de ajuste e regulação intersubjetiva. Na organização das ocorrências, o atrator se opõe ao tipo. Qual é então a diferença entre o tipo e o atrator?

Segundo Culioli (1999b), o atrator defere do tipo. É uma construção de origem que tem como referência possível o próprio predicado. Não é um valor relativo. A ocorrência é singularizada ao máximo. É referida a si mesma e este termo de referência é tomado como origem absoluta. Na verdade, o atrator, é um valor definido em relação ao próprio predicado. É apenas seu próprio fundamento. Ao dizer, por exemplo, eu só te digo isto<sup>89</sup>, temos o caráter inefável do atrator. A diferença entre o tipo e o atrator é que o atrator se refere a uma representação abstrata e absoluta. Deste valor absoluto decorre uma singularidade segundo a qual nenhuma outra alteridade pode ser definida. É esta singularização que leva ao que chamamos alto grau que mantém relações com o intercambiável que bloqueia toda diferencialidade.

Do exposto, podemos entender que:

O atrator é, portanto, uma noção que define o interior de um domínio estruturado e apreendido, em determinadas circunstâncias dadas pela localização de uma ocorrência (constituente) em relação a si mesmo, que é notada:  $\pi \in P, P'$  (CULIOLI, 1990, p. 60).<sup>90</sup>

O atrator nos permite relatar em detalhes o fenômeno em alto grau. Podemos, portanto, entender que cada domínio é definido por um atrator. O que significa que qualquer ocorrência é trazida de volta a ele após a identificação. Em conclusão, podemos reter que o atrator desempenha o papel de regulador no tratamento de um conjunto de problemas entre os quais temos o tratamento de problemas retóricos, a estruturação de domínios, etc. No capítulo a seguir, vamos tratar das operações de determinação.

---

88 No original: permet d'organiser la fragmentation de la notion en construisant une occurrence distinguée privilégiée, une occurrence représentative qui possède deux propriétés : a) elle est définissable c'est-à-dire exhibable énonciativement ; b) elle est conforme à une représentation. On a affaire à une boucle : P renvoie à être P, c'est-à-dire à QLT : à partir d'une expérience du monde on isole ses propriétés qui sont refundues en un représentant exemplaire [...] (CULIOLI, 1999b, p. 12).

89 No original: Je ne te dis que ça (CULIOLI, 1999b, p. 13).

90 No original: L'attracteur est donc une notion définissant l'intérieur d'un domaine structuré et appréhendé, dans certaines circonstances données par le repérage d'une occurrence(constituante) par rapport à elle-même, ce qui se note :  $\pi \in P, P'$  (CULIOLI, 1990, p. 60).

## 2.2.4 As Operações de Determinação

No processo da apreensão das línguas diversas ou de aquisição de uma língua, várias operações ocorrem. As operações fundamentais referem-se às categorias de determinação e quantificação/qualificação. Na construção de categoria dita gramatical, é produzida uma representação metalinguística explícita sem um limite no uso de termos determinantes relacionados à língua. Em cada língua, o uso de certos termos é feito vagamente sem preocupação pelo que representam: é uma palavra definida (como artigo definido, indefinido, pronomes indefinidos)? São determinantes (artigos possessivos, etc.)? Estes termos são utilizados como se sua apreensão devesse ser imediata (intuitiva).

A ilusão na apreensão de termos de modo intuitivo é ligada a três fatores:

(1) ilusão relacionada à morfologia. Os determinantes existem a partir da sua forma, o estudo do seu valor se resume a problemas de incidência clássica. Com relação à quantificação, o artigo definido é empregado genericamente como classificador, especificador. Desta maneira de ver os dados linguísticos surgem os problemas de relação entre os fenômenos existentes nas línguas, o problema da ligação dos fenômenos de determinação e do arranjo linear do enunciado.

(2) Ilusão segundo a qual a determinação está ligada a um certo número de fenômenos escolhidos arbitrariamente em certas línguas para maior facilidade (francês, inglês, alemão). Assim, aos determinantes é atribuída uma classe sintática que geralmente se refere a artigos baseados nas línguas estudadas e próximas.

(3) Ilusão ligada à classificação das unidades às quais está ligado um significante. Diz-se que esta classificação é superficial (CULIOLI, 1999b, p. 37-38).

Do exposto, podemos reter que a determinação é assim tomada como um conjunto de operações elementares: quantificação, extração, flechagem, varredura e a qualificação.

### 2.2.4.1 A Quantificação (QNT)

De acordo com Culioli (1999b, p. 82-83), a quantificação (notada Qt) é uma operação complexa que se associa a uma operação sobre a quantidade ou sobre qualidade. A quantificação refere-se à operação pela qual construímos a representação de alguma coisa localizável e situável em um determinado espaço de referência. Esta alguma coisa não nos remete ao inanimado<sup>91</sup>. Refere-se a um estado que pode ter características internas ou externas, de que podemos dizer os seguintes: ele será distinguido de outro estado, ele levará às descontinuidades, ele será localizado<sup>92</sup> em um domínio de representações. De fato, alguma coisa se refere a uma ocorrência de alguma coisa que um sujeito (X) pode apreender, discernir, distinguir e em um espaço-tempo específico por este sujeito (X). Este espaço-tempo pode ser imaginário. A quantificação (Qt) se articula em torno de duas operações primordiais, a saber: (1) a quantifiabilização e (2) a construção da existência de uma ocorrência.

A quantifiabilização, também chamada de fragmentação, é o processo pelo qual fragmentamos ou individualizamos uma noção P a fim de construir ocorrências desta noção no processo de produção e de reconhecimento dos enunciados.

<sup>91</sup> Oposto à alguém.

<sup>92</sup> No sentido abstrato do termo.

Deste ponto de vista, é importante ressaltar que a operação de fragmentação é uma operação tripla. Primeiro, ela promove a transição do inquebrável para o fragmentado, ou seja, a obtenção de uma qualidade fragmentada a partir de uma qualidade inquebrável. Em uma segunda etapa, favorece a construção das ocorrências ditas ocorrências quaisquer. Em uma terceira etapa, favorece a construção de ocorrências diferenciadas.

A quantificação promove a construção da existência de uma ocorrência. Fazendo isso, ela a situa em um espaço-tempo enunciativo que um sujeito enunciador (X) constrói em relação a um co-enunciador (Y). A construção da existência de que se trata aqui é o fato de passarmos do nada para alguma coisa em um espaço de localização. Para maior clareza, temos o seguinte exemplo: *Pergunta: Você tem um romance para me emprestar?*<sup>93</sup> Já temos a existência de alguma coisa que se põe, ou seja, uma ocorrência existente. Resposta: Eu tenho um romance policial<sup>94</sup>. Ao responder desta forma, temos um modo de qualificação. Pergunta: *Você não tem mais nada como romance(s)?*<sup>95</sup> A partir desta pergunta, vários elementos são levados em consideração.

Estes são: existentes/não existentes, avaliação e diferenciação. Esta última pergunta nos retorna ao romance e romance. O romance em geral e o romance policial, uma espécie ou tipo de romance. Culioli (1999b, p. 83), portanto, acredita que existe um emaranhamento entre a quantificação e a qualificação. Pois, todas às vezes que temos identificação e diferenciação relacionadas a alguma coisa, a operação de qualificação entra em jogo.

Tomando como exemplo uma noção de tipo ( $\alpha$ ), ela é definida na intensão e tem um caráter predicativo. Assim, a partir de uma sequência de operações de determinação acorrentadas, vamos produzir, com base na P, um objeto linguístico construído. Este objeto construído será quantificável/qualificável. As operações de determinação são, portanto, de extração, flechagem<sup>96</sup>, e de varredura<sup>97</sup> (CULIOLI, 1990, p. 140). Estas três operações são parte integrante da operação de quantificação (CULIOLI, 1999b, p. 46).

Permitem estabelecer relações predicativas, que, por sua vez, após várias operações de localização em relação à situação de enunciação, vão levar aos enunciados (CULIOLI, 1990, p. 140).

#### **2.2.4.1.1 A Extração**

A operação de extração, também conhecida como operação de *prélèvement* (em francês), é uma operação do tipo quantitativo que põe a existência de um objeto. Ela contribui para a individuação de uma ocorrência. Em harmonia com Culioli (1990, p. 182), dizemos que a extração consiste em isolar uma ocorrência, ou seja, isolá-la e desenhar seus limites espaço-temporais. Em outras palavras, consiste em localizar uma ocorrência em relação a um sistema situacional. Isto equivale a atribuir um status existencial, real ou imaginário, a uma ocorrência situada de uma noção. A extração faz entrar na existência discursiva uma ocorrência individualizada que não tem outra particularidade além do fato de ter sido singularizada. A extração enfatiza a QNT porque ressalta que o que era apenas uma ocorrência de uma classe abstrata se torna uma ocorrência distinta com propriedades situacionais.

93 No original : Est-ce que tu as un roman à me prêter ? (CULIOLI, 1999b, p. 83).

94 No original : J'ai un roman policier (CULIOLI, 1999b, p. 83).

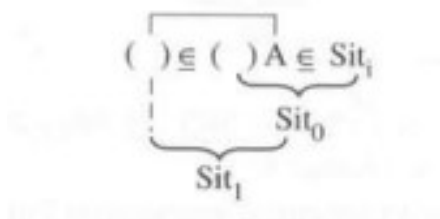
95 No original : Tu n'as rien d'autre comme roman(s) ? (CULIOLI, 1999b, p. 83).

96 Na terminologia francesa temos "fléchage".

97 Em francês, é o "parcours"

Aqui tomamos o caso simples de uma noção notada A do tipo discreto (descontínua)<sup>98</sup>. Uma primeira operação será realizada para localizar A em relação à situação de enunciação. A operação é representada por  $A \in \text{Sit}_0$ . Esta operação delimita um domínio específico em oposição a tudo que não tem as propriedades de A, então,  $\bar{A}$ . Escrevendo a noção em sua forma mais completa, nós temos: (A,  $\bar{A}$ ). Mas, como A é um predicado, ela será representada sob a forma ( ) (A $\bar{A}$ ). A segunda operação que será realizada é a operação de extração, que tem a noção como seu domínio, e o resultado é um objeto que se encaixa em uma classe (CULIOLI, 1999b, p. 47). Esta operação é representada da seguinte forma:

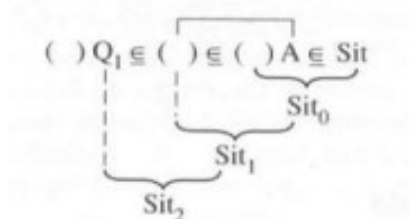
**Figura 11:** Representação esquemática da extração 1



Fonte: Culioli (1999b, p. 47)

Nesta operação que é ilustrada pelo esquema acima (F11), no qual temos chaves, essas chaves marcam que o  $\text{Sit}_1$  toma o valor  $\text{Sit}_0$  em  $\langle A \in \text{Sit} \rangle$ , o valor  $\text{Sit}_1$  em  $\langle ( ) \in ( ) A \in \text{Sit}_1 \rangle$ . Portanto, o parêntese é apresentado como um classificador (por exemplo, um pouco de bagagem) ou zero (por exemplo, há alguma coisa como  $\emptyset$  vento) considerando as línguas. A última operação atribuí, logo, uma determinação quantitativa ao objeto localizado, trata-se de um numeral (um, dois, três, etc.) ou uma quantidade indefinida (um, uma, etc.). Podemos representá-lo da seguinte forma:

**Figura 12:** Representação esquemática da extração2



Fonte: Culioli (1999b, p. 47)

Então, chamamos operação de extração, a operação complexa cujos marcadores podem ser representados por: *um, alguns, um pedaço de, um pouco de* etc.

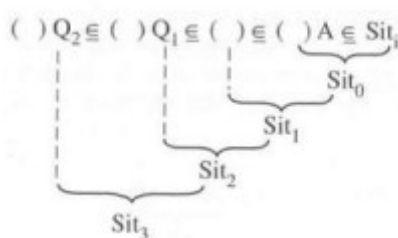
### 2.2.4.1.2 A Flechagem

Após termos estabelecido a existência de um objeto, podemos determiná-lo de forma privilegiada ou particular por meio da operação dita operação de flechagem.

<sup>98</sup> Apparaît plus souvent comme déterminé.

É uma operação de determinação particular e adicional sobre um objeto já qualitativamente quantitativamente identificado. Tais exemplos são: (1)<sup>99</sup> há um dicionário em cima da mesa. Este dicionário [...]; (2)<sup>100</sup> Eu tinha encontrado três vacas enquanto passava. Estas vacas [...]; (3)<sup>101</sup> Sobre a mesa havia um livro e um caderno. O livro [...]; o caderno [...]. A operação de identificação realizada sobre o objeto já identificado é anafórica. Pode ser uma anáfora contextual ou situacional ou ainda, uma identificação simples como no exemplo (1) com: um...e este. Também, pode tratar-se de uma identificação contrativa como no exemplo (3): um<sub>1</sub>...um<sub>2</sub>.../o<sub>1</sub>...o<sub>2</sub> (CULIOLI, 1999b, p. 47). Tal operação pode ser apresentada da seguinte forma:

**Figura 13:** Representação esquemática de flechagem



Fonte: Culioli (1999b, p. 48)

Conforme Culioli (1990, p. 182), esta operação também pode ser descrita da seguinte forma: dado que temos uma ocorrência extraída de P, ponhamos outra ocorrência de P. Dessarte, temos dois casos possíveis. Temos a segunda ocorrência que se refere a uma ocorrência diferente ou, esta segunda ocorrência é identificada com a primeira. É disto que se trata a flechagem ou a re-identificação. A flechagem marca a estabilidade existencial enquanto indica explicitamente que a segunda ocorrência tem a propriedade de ser idêntica à ocorrência extraída.

### 2.2.4.1.3 A Varredura

A operação de varredura é uma operação que consiste em passar pela lupa ou percorrer todos os valores atribuíveis dentro de um domínio sem poder parar em um valor distinto. Por exemplo: *todo cão tem quatro patas*<sup>102</sup>. Aqui, toda a classe de cães é percorrida sem nenhuma ocorrência individualizada (CULIOLI, 1999b, p. 48; CULIOLI, 1990, p. 182). A operação de varredura é composta de quantitativa e de qualitativa. Ela é quantitativa porque o percurso envolve uma classe de ocorrências percorridas e qualitativa porque todas as ocorrências percorridas têm a mesma propriedade em relação à relação predicativa em que estão incluídas. Portanto, é o contexto que torna o QNT ou QLT preponderante. Os marcadores podem ser: todo(s), cada um, nenhum.

A varredura está ligada à construção de uma classe de ocorrências abstratas de uma noção. Podemos, à vista disso, falar de percurso (varredura) de uma classe, como a classe K, por exemplo. Nós

99 No original : Il y a un dictionnaire sur le bureau. Ce dictionnaire [...] (CULIOLI, 1999b, p. 47).

100 No original : J'avais rencontré trois vaches en passant. Ces vaches [...] (CULIOLI, 1999b, p. 47).

101 No original : Sur le bureau se trouvaient un livre et un cahier. Le livre [...] ; le cahier [...] (CULIOLI, 1999b, p. 47).

102 No original: Tout chien a quatre pattes (CULIOLI, 1999b, p. 48).

percorremos esta classe K sem querer ou poder parar em um valor que se distingue dos outros valores. E, se não quisermos isso em certos casos, recorremos à modalização sem solicitar outros. Por exemplo, ao dizer: *quem tocou no creme?*<sup>103</sup> Nós temos: ( )----- ? Vamos construir a classe de ocorrências atribuíveis a este lugar, que são representações, queremos dizer todos os «um (uns), alguém» *que...* ( ) K  $\underline{\in}$  ( ) *tocou o creme*. Temos a operação de extração que nos permite extrair uma ocorrência que vamos designar por sua propriedade cardinal ou pelas propriedades existenciais, o que nos dá a ocorrência tomada da classe de ocorrências. ( ) Q  $\underline{\in}$  ( ) K  $\underline{\in}$  ( ) *tocou o creme*. Quando tivermos uma possível inserção, teremos como resultado: *alguém*----- . Deste fato, alguém se torna o representante da classe de ocorrências, o vestígio que pode ser por: nenhum, alguém, alguns. Qt<sub>1</sub> refere-se, portanto, a quantitativo (Qnt) e qualitativo (Qlt). *Algum* dará assim o valor de “qualquer coisa” qualitativamente *qual*. O mais importante é que temos um valor não nulo. *Alguém*, portanto, significa: *não é ninguém*. Quando usamos outra pessoa: quem tocou o creme, então temos o percurso nos todos os Qt<sub>1</sub> que vai dar *tal* ou *tal*. Neste caso, *tal* se refere apenas a uma representação pela qual designamos um valor abstrato (CULIOLI, 1985, p. 70).

#### 2.2.4.2 A Qualificação (QLT)

Como afirmamos no capítulo acima, parafraseando de novo Culioli, toda vez que há uma operação de identificação/diferenciação, ela envolve a operação de qualificação. A qualificação pode então ser entendida como a operação pela qual iniciamos uma cadeia complexa de operações. Não é, portanto, a operação em que se acrescenta simplesmente um qualificador (CULIOLI, p. 84). Considerando os seguintes enunciados, (1)<sup>104</sup> *durante sua viagem, note/observe o menor detalhe*; (2)<sup>105</sup> *se você encontrar o menor obstáculo, me chame*; (3)<sup>106</sup> *eu não encontrei o menor obstáculo*; (4)<sup>107</sup> *será que você encontrou o menor obstáculo?* A partir dos exemplos (2), (3), (4), temos o *menor* que marca a entrada/saída no domínio da validação. Temos o hipotético, a modalidade negativa e a interrogativa. Em (2), o hipotético que é uma asserção fictícia constrói a (eventual) existência de <ocorrência de obstáculo>. Assim, há a qualificação de alguma coisa que é eventualmente encontrada. Esta alguma coisa encontrada é a noção de <ser obstáculo>.

Destarte, em (3), temos o mesmo esquema com a negação, exceto o inverso: percorremos o interior do domínio de validação, não encontramos nenhuma ocorrência de <ser obstáculo>. Depois temos a saída do interior, pela qual marcamos a inexistência de qualquer obstáculo. A partir deste percurso, o que eventualmente se encontra é qualificado<sup>108</sup> de não-existência. Em (4), temos o percurso de todos os possíveis (CULIOLI, 1999b, p. 84).

Tomando o caso do exemplo (1), é bem diferente dos exemplos (2), (3), (4) porque envolve um imperativo. Caracteriza-se por entrada no domínio da validação: *note/observe o menor detalhe* (que te parecerá interessante). Comparando este exemplo com outros como *pronuncie a menor palavra, sugere*

103 No original: Tout chien a quatre pattes (CULIOLI, 1999b, p. 48).

104 No original: pendant ton voyage, note / observe le moindre détail (CULIOLI, 1999b, p. 84).

105 No original: si tu rencontres le moindre obstacle, appelle-moi (idem).

106 No original: je n'ai pas rencontré le moindre obstacle (idem).

107 No original: est-ce que tu as rencontré le moindre obstacle ?(idem).

108 É o que é encontrado que é qualificado de não-existência.

*a menor melhoria*. Observamos que existe uma diferença visível e audível porque o texto está pendente e precisa ser completado. Assim, teremos: *pronuncie a menor palavra e você será punido, sugere a menor melhoria e será recompensado*<sup>109</sup>. A diferença entre os predicados está, por um lado, em notar, observar ou registrar, levando em conta e, por outro lado, em pronunciar, sugerir, fazer. Os primeiros (notar, observar ou gravar/registrar, considerar) podem ser tomados como marcadores de gravação (fixamos, sobre um suporte material, informações ou fenômenos dos quais tomamos conhecimento). Isto posto, a existência do que está sendo registrado é pré-construído. A injunção (ver exemplo 1) não diz respeito à predicação de existência, mas sobre a gravação, que deve ser tratada com cuidado e minúcia.

*Note o menor detalhe* concerne à entrada de todo ou qualquer observável em um registro, assim como o percurso completo até a fronteira. É suficiente que você perceba um fenômeno para que lhe digam que o note. Estamos falando aqui de operações que permitem combinar o predicado da gravação e do gravável. Pela glosagem, podemos ter: *cada vez que/se você encontrar o menor detalhe que você acha que vale a pena notar, além de todo o resto, você deve anotá-lo*. Pelo exercício de glosagem observamos que a *protase* constrói a existência do que a *apodose* ordena para notar. Somente notamos o que tem uma existência. A operação de qualificação afeta, por conseguinte, alguma coisa existente. Ela permite ampliar o domínio que caracterizamos provisoriamente.

A operação de qualificação também pode lidar com o gradiente. Consoante Culioli (1999b, p. 86), a força exclamativa produz o que, às vezes, chamamos alto grau de um predicado. Partindo de um enunciado assertivo, tal como *há vento*, temos o localizador *há*<sup>110</sup> e a ocorrência <vento>. Esta ocorrência fornece o localizado. Nesse enunciado, temos a sinalização da existência de algo meteorológico que é qualificado como *vento*. Ao dizer que *há vento*, não dizemos nada mais. Mas, quando escolhemos dizer algo mais sobre o vento, por exemplo, *o vento é forte*, podemos, entre vários processos, dizer que *há algo como vento!* A análise deste enunciado nos mostra que há duas operações envolvidas. A primeira é marcada por *como*  $\neq$  *vento* e que constrói o domínio nocional do <vento>. Não esquecemos que qualquer domínio nocional tem três princípios estruturantes: o primeiro princípio é o zoneamento topológico que inclui o interior, a fronteira e o exterior. O segundo princípio diz respeito à continuidade: contínua/descontínua, granularidade; ocorrências discretas/gradiente. O terceiro princípio gira em torno dos dois modos de centralização que são: tipo/atrator. O tipo garante a identificação das ocorrências a um padrão de referência. O atrator representa a ocorrência (imaginária) e fornece o valor absoluto, o valor extremo do gradiente em mais e menos. Em vista disso, o atrator é considerado como o ponto de estabilidade de um agregado de valores ordenados de acordo com os graus diferenciados. Ao trabalhar sobre um domínio tipificado, podemos construir os subtipos por diferenciação, o que possibilita estabelecer um jogo de equivalências.

Na operação de qualificação, alguma coisa marca a existência de uma ocorrência no domínio. Mas, a questão fundamental é que a ocorrência é a ocorrência de algo. Ocorrência de quê? Esta pergunta afirmativa não gera uma operação sobre a tipificação ou identificação de um objeto existente

109 No original : prononce le moindre mot et tu seras puni, suggère la moindre amélioration et tu seras récompensé (CULIOLI, 1999b, p. 84).

110 Em francês : il y a

em um espaço-tempo (como exemplo temos: *há algo no tubo*). Esta operação não pode, portanto, ser da ordem de quantificação como definimos em 2.2.4.1. Pois, temos a mudança na interpretação referencial com uma transição para o gradiente. Diz-se que há a ativação da qualificação. Para explicar o valor exclamativo,

A operação de referenciação está ligada ao ajuste entre sujeitos e leva a uma estabilização necessária, sem a qual nenhuma troca é possível. Entre os processos de estabilização, podemos citar o recurso a outro, a rejeição (e, em geral, a passagem para o Exterior), o desejoso (passagem para o Interior) e, quando estamos já no Interior, a orientação para o atrator. É assim que podemos dizer que é alguma coisa! Isto é nada! Ou não é apenas um pouco (um pouco: ocorrência no Interior; apenas; orientação para o Exterior; não: inversor da orientação para o centro) (CULIOLI, 1999b, p. 87)<sup>111</sup>.

Em suma, podemos reter que a qualificação não é uma operação simples, como podemos imaginar. O complexo de operações QNT e QLT nos permite formular procedimentos na solução de problemas. Além disso, é um complexo que não exclui intrincados, interações, deformações e estratificações. No capítulo seguinte, discutiremos a modalidade.

### 2.2.4.3 A Modalidade

A modalidade é uma determinação que intervém em uma relação predicativa. É orientada em torno de um termo de partida. Mas, ainda não é localizada em relação a uma situação determinada. Através da modalidade o sujeito enunciador indica a condição sob a qual ele atribui um valor referencial ao que ele prediz. Culioli (1985, p. 80-85) distingue quatro tipos de modalidades, ordenadas a seguir

Modalidade 1: As modalidades de primeira ordem ou modalidades fundamentais são aquelas que permitem ao enunciador fazer escolhas modais. Pode ser afirmativa ou negativa. Quando é interrogativa, significa que o enunciador se recusa a assumir a relação predicativa pedindo ou solicitando a seu co-enunciador que assume seu lugar como enunciador. Pode também ser enfática. O lugar destas modalidades de asserção é primordial devido aos fenômenos de tematização no nível predicativo (VIGNAUX, 1995, p. 574).

Modalidade 2: As modalidades de segunda ordem podem ser fictícias. Neste caso, o enunciador desvincula-se da relação com os fatos. Esta modalidade pode ser injuntiva ou performativa. Nesta modalidade estamos lidando com o problema de: é o caso ou não é o caso? Temos uma falta de certeza sobre a validação da relação predicativa. De acordo com Vignaux (1995, p. 574), as modalidades 2 são aquelas do necessário ou do possível, do eventual ou provável até o certo.

Modalidade 3: As modalidades da terceira ordem constituirão a dimensão apreciativa ou afetiva centrada no sujeito enunciador. Por meio das modalidades 3, podem ser construídas todas as

---

111 No original : L'opération de référenciation est liée à l'ajustement inter-sujets et entraîne une stabilisation nécessaire, sans laquelle aucun échange n'est possible. Parmi les procédés de stabilisation, on peut citer le recours à autrui, le rejet (et, de façon générale, le passage à l'Extérieur), le souhait ( passage à l'intérieur), et, quand on est déjà à l'Intérieur, l'orientation vers l'attracteur. C'est ainsi que l'on peut dire C'est quelque chose ! ça n'est pas rien ! ou pas qu'un peu (un peu : occurrence à l'Intérieur ; ne...que ; orientation vers l'Extérieur ; pas : inverseur, d'où orientation vers le centre) CULIOLI, 1999b, p. 87).



distâncias, avaliações, não-atribuições pelo sujeito de tal ou tal tipo de asserção, assim como julgamentos autocentrados. Temos como exemplo: Eu, eu penso que, eu não digo pessoalmente que<sup>112</sup> (VIGNAUX, 1995, p. 574). A asserção é de apreciação e diz respeito a uma proposta, por assim dizer, de uma relação já constituída, pré-construída. O objetivo principal nesta modalidade é a qualificação.

Modalidade 4: As modalidades de quarta ordem são aquelas que marcam a relação inter-sujeitos, entre o enunciador e o co-enunciador. Temos o exemplo clássico da injunção: Tenha cuidado!<sup>113</sup>; não faça isso!<sup>114</sup>; tome cuidado!<sup>115</sup> As modalidades desta ordem são também chamadas modalidades radicais ou pragmáticas do sujeito. Nesta ordem de modalidade temos o pedido, a sugestão, o desejo. Para o pedido, somos mais educados, dizemos: esperamos que você goste<sup>116</sup>. Para a sugestão, temos: você acha bom, o que eu acho bom<sup>117</sup>. No desejo podemos abordar o destino, a divindade. Em suma, temos causa, desejo - vontade, coerção, deôntica, etc. (CULIOLI, 1985, p. 81).

Devemos entender que as modalidades qualificam; não a relação do enunciador com a léxis, mas a relação do sujeito do enunciado com o resto da léxis. Elas também podem estar entre dois sujeitos. É por isso, que elas são modalidades intersubjetivas. Elas permitem construir certas representações das coisas e estabelecer uma relação inter-sujeitos. No capítulo seguinte vamos abordar o aspecto.

#### 2.2.4.4 O Aspecto

Cada enunciado é construído com referência a um espaço-tempo. De acordo com Rezende (2000), sempre que há construção e reconstrução de referência, há também uma modulação em relação ao tempo e ao espaço. Assim, o que torna esta ação possível são as operações de aspecto. O conjunto de valores conhecidos como valores de aspecto está situado em polos essenciais: o primeiro está no nível do que é construído (o previsto e o imprevisto no enunciado). O segundo está localizado no eixo da projeção feita do momento da enunciação, o lugar do sujeito em relação ao que indica e as coordenadas que fixam os momentos do processo.

De acordo com Culioli (1999a, p. 130-31), o aspecto é uma das categorias gramaticais da linguagem. Assim, uma categoria gramatical pode ser apreendida como a correspondência entre um conjunto de operações sobre um domínio nocional complexo e os marcadores dessas operações. A apreensão deste domínio pode ser feita de acordo com quatro ordens:

(1) O primeiro domínio diz respeito à noção, ou mais especificamente a noção predicativa, que é um conjunto estruturado de propriedades físico-culturais (ver o conceito de noção 2.2.3.1) com uma topologia;

(2) O segundo domínio em relação ao primeiro está ligado às operações de determinação Qnt/Qlt, tal como a avaliação do grau de intensidade ou extensividade que é, de fato, o modo do processo;

(3) O terceiro é o domínio da modalidade: interrogação, o eventual, quotativo, etc. Dependendo das línguas, a relação do aspecto aparece de uma forma particular em tal ou tal neste subdomínio. O

112 No original: *Moi, je pense que que, je ne dis pas personnellement que* (VIGNAUX, 1995, p. 574).

113 No original: *Fais attention!* (VIGNAUX, 1995, p. 574).

114 No original: *Ne fais pas ça!* (idem).

115 *Prends garde!* (idem).

116 No original: *On espère que ça te plaît* (CULIOLI, 1985, p. 81).

117 No original: *Est-ce que tu trouves bon ce que je trouve bon* (idem).

aspecto não é uma categoria homogênea ou “pura”, já que a rede de noções envolvidas tem configurações variáveis e torna a correspondência com um conjunto de marcadores irregulares;

(4) O último domínio diz respeito à categoria dos momentos.

Referimo-nos, para cada instante, a um corte entre algo que termina e algo que começa (a imprecisão desajeitada é deliberada). Não podemos conceber um limite inferior à passagem de um estado para outro, ou seja, trata-se de uma classe de ocorrências ordenada que tem o poder do contínuo [...] O importante aqui novamente é construir um sistema de representações que esteja em correspondência com o sistema de representações (e de operações) dos sujeitos enunciadore; daí inelutável e salutar coerção de partir das enunciações (arranjos de marcadores) e retornar-lhes (CULIOLI, 1999a, p. 132)<sup>118</sup>.

Procuramos delinear alguns dos conceitos necessários na estrutura teórica de nossa pesquisa. Concordamos que onde há humano, há linguagem(s), língua(s). A linguagem sempre ativa refere-se a operações, o que explicamos em um dos pontos de nossa redação. *We* sendo o resultado de operações que acontecem durante a atividade de linguagem estará no centro da nossa análise. No capítulo três deste livro vamos partir de tudo o que já discorremos aqui sobre a TOPE, para investigar o marcador *we* no processo de realização de enunciados na língua *fɔn* do Benim.

---

118 No original : On renvoie, pour chaque instant, à une coupure entre quelque chose qui finit et quelque chose qui commence (l'imprécision maladroite est délibérée). On ne saurait concevoir de limite inférieure au passage d'un état à un autre, c'est-à-dire que l'on a affaire à une classe d'occurrences ordonnée et qui a la puissance du continu.[...] L'important est, ici encore, de construire un système de représentations qui soit en correspondance avec le système de représentations (et d'opérations) des sujets énonciateurs ; d'où l'inéluctable et salutaire contrainte de partir des énoncés (agencements de marqueurs) pour y retourner (CULIOLI, 1999a, p. 132).

# 3

## ANÁLISE DO *wɛ* COMO MARCADOR DE OPERAÇÕES NA LÍNGUA *fɔn* DO BENIM

Neste capítulo apresentamos nossas análises do funcionamento semântico-enunciativo do marcador *wɛ* na língua *fɔn* do Benim. Para tanto, o dividimos em quatro subseções: inicialmente, em 3.1 descreveremos os procedimentos teórico-metodológicos da TOPE; já a subseção 3.2 será dedicada à análise dos enunciados com ocorrência do marcador *wɛ*. Em 3.3, faremos uma síntese conclusiva das nossas análises do marcador *wɛ*. E, por fim, abordaremos outros aspectos de análises na subseção 3.4. Passemos, a seguir, o primeiro capítulo.

### 3.1 Os Procedimentos Teórico-Metodológicos da Tope

Considerando o enunciado como um encadeamento de operações de linguagem, vamos analisar aqui, sob um ponto de vista construtivista, a unidade linguística *wɛ*. Consoante a nossa hipótese de trabalho, essa unidade linguística é um marcador de operação de linguagem, precisamente falando, a operação de flechagem (fléchage). Para Culioli, um marcador é uma espécie de resumo que concentra os procedimentos que desencadeiam e ativam representações i.e. remete a uma indicação notória de operações mentais, que fazem passar do nível I ao nível II. Conforme Franckel (2020), um marcador é uma marca operadora. Isto posto, a marca designa um elemento X tornado discernível por uma qualidade singular através da sua integração em um conjunto de elementos X. Afirmando por exemplo *Tellemarque* é uma grande *marca* de camisa, estamos sublinhando que *marca* significa que a camisa que pertence à classe das camisas se torna discernível naquele conjunto pela qualidade singular que lhe é conferida pela *Tellemarque* (FRANCKEL, 2020).

Assim, em termos metodológicos partiremos da variação para as invariantes que permitirão a construção de sentido do enunciado. Analisaremos as ocorrências do marcador *wɛ* por meio da investigação dos valores referenciais. Ademais, operaremos o que temos de visível<sup>119</sup> e relativamente estável (as ocorrências) de *wɛ* na língua *fɔn*. À vista disso, pretendemos alcançar o processo dinâmico que sustenta a atribuição e estabilização dos significados do *wɛ* como resultado da atividade linguageira. Nosso eixo é a atividade de linguagem responsável pela construção da significação nos enunciados que envolvem o marcador *wɛ*. Para Culioli (1999a), um enunciado é uma relação predicativa localizada em relação a um sistema de coordenadas enunciativas. Logo, todo enunciado é localizado em relação a uma situação de enunciação que é definida em relação a um enunciador e a um tempo de enunciação.

Em outras palavras, partiremos da variação de sentidos do marcador *wɛ* em diferentes contextos. Portanto, os enunciados são nossas unidades de análises, dado que possuem um estatuto teórico e material. E, de acordo com Franckel (2011, p. 23), o sentido das unidades constrói-se no e pelo enunciado.

Os enunciados serão glosados ou parafraseados de modo a ver as diferentes situações, ou contextos que lhes atribuem valores específicos. Pois, cada enunciado traz traços situacionais que

<sup>119</sup> Queremos dizer: relativamente pronto.

são variáveis e, segundo Culioli (1969), esses traços são de dois tipos: (1) os traços do momento, que são extralinguísticos e em parte dão sentido aos enunciados; (2) e os invariantes que caracterizam os sujeitos enunciadore e são únicos para cada língua, na medida em que temos uma diversidade de línguas naturais. Desde modo, a glosagem é:

Outra maneira de fazer um texto funcionar, tornando assim perceptível o que, de outra forma, não era perceptível na observação [...]. O essencial, como teremos entendido, é fazer proliferar as observações, a fim de detectar variações, sem as quais não podemos esperar lidar com o deformável e o invariável<sup>120</sup> (CULIOLI, 1999b, p. 23).

O *corpus* foi constituído de enunciados que coletamos do site *beninfongbe*<sup>121</sup>. Priorizamos esse *corpus* porque esse caminho nos permitiu ganhar tempo pelo agrupamento e ter as formas de ocorrências que precisamos pela verificação da nossa hipótese, que o *wε* é um marcador de (re)-identificação contextual ou situacional permitindo operar uma flechagem sobre outro marcador no processo de construção do enunciado. Também, porque o público pode ter acesso a ele de um modo prático. Pela seleção dos enunciados, coletamos os enunciados nos quais temos o marcador *wε*. Com base em nossa hipótese inicial, nos limitamos a três enunciados a fim de explicarmos o fenômeno da linguagem para o qual pode ser explicado. Na escolha desses enunciados, observamos que as ocorrências do marcador são mais recorrentes em provérbios do que na maioria dos enunciados lidos no início e essa recorrência pode contribuir para a verificação da nossa hipótese. Assim, foi constituído nosso *corpus*.

Para as análises a seguir, apresentamos os seguintes enunciados:

**Enunciado 1:** Nu e do ɔ, e wε nɔ wu = Você colhe aquilo que planta.

**Enunciado 2:** Kpo e do mε'si ɔ wε e nɔ hu dan na = Matar a cobra e mostrar o pau.

**Enunciado 3:** Nabi e do su mε ɔ, e wε e nɔ be = Quando a gente guarda, a gente tem.

Aqui fazemos a tradução conforme o Português do Brasil (PB) para expressar a exatidão do conteúdo dos provérbios escolhidos. Mas, nas análises dos nossos enunciados, usaremos a tradução linear dos provérbios com base na construção da língua *fon*. Estas traduções lineares (TL) podem sofrer algumas alterações, e não expressar um sentido exato no que se refere a língua portuguesa brasileira.

### 3.2 Análises do Marcador *Wε*

**Enunciado 1:** Nu e do ɔ, e wε nɔ wu = Você colhe aquilo que planta (PB).

120 No original : Une autre façon de faire travailler un texte, rendant ainsi perceptible ce qui, sous une autre forme, n'était pas perceptible à l'observation [...]. L'essentiel, on l'aura compris, est de faire proliférer les observations, afin de déceler les variations, sans lesquelles on ne peut espérer traiter du déformable et de l'invariant (CULIOLI, 1999b, p. 23).

<https://beninfongbe.com>

121 <https://beninfongbe.com>

A coisa que nós semeamos, é ela que nasce (TL)

A partir desse enunciado (1), podemos ter as léxis, ou seja, as noções nas relações seguintes:

Λ1- <Alguém> <semear> <alguma coisa>.

Λ2- <alguma coisa> <semear> <por alguém>.

Retomando nosso enunciado de partida, a apreciação do sujeito, as marcas modais e aspectuais que são inseridas na situação enunciativa e orientam a representação para sua possível existência. Vejamos as paráfrases seguintes:

(1a) Nu e do ɔ, e wε nɔ wu (A coisa que nós semeamos, é ela que nasce).

(1b) Nu e do ɔ, e wε nɔ wu a (A coisa que nós semeamos, é ela que não nasce).

Em (1a), temos uma projeção do resultado previsto de <do> (semear) que nos leva a <wu> (nascer). A existência da primeira relação <nu e do ɔ> (a coisa que nós semeamos) não está comprometida devido à segunda relação <e wε nɔ wu> (é ela que nasce). Mas, em (1b), a existência da segunda relação está comprometida pela presença da segunda relação <e wε nɔ wu a> (é ela que não nasce) marcada pela negação <a> (não).

Assim, não podemos estabelecer uma relação entre <nu, do, wu> (coisa, semear, nascer). O que há é a instauração de uma relação de alteridade marcada pela negação. Vejamos as paráfrases a seguir:

(1c) Nu e do ɔ, e wε nɔ wu a dó e nyi ji nukun a (a coisa que nós semeamos não nasce por que não é uma semente).

(1d) Nu e do ɔ, e wε wu a dó ji já a (a coisa que nós semeamos não nasceu por falta de chuva).

Assim, nota-se em (1c), uma relação de diferenciação entre <ser nu> (ser coisa) com a noção <ser ji nukun> (ser semente) marcada pela negação <a>. Isto é, em (1c) tem-se um <ser A> (nu) que estava, em uma situação enunciativa eventual, projetada para <ser B> (ji nukun), mas, em uma situação enunciativa particular, é bloqueada pela marca de negação <a>. Então, tem-se um A que não é B. É essa relação que bloqueia o estado resultante <wu> (nascer). Em (1d), por sua vez, observa-se <alguma coisa> tem as propriedades de <ser semeável>, <ji nukun> uma semente. A relação que está em jogo é diferente de (1c). Pois, o que bloqueou o estado resultante é a marca <ji> (chuva) relacionada com a marca de negação <a> (falta). A ausência de <ji> (chuva) é a responsável pela não validação em uma situação enunciativa particular da projeção que se tinha na situação enunciativa eventual. Percebe-se, uma reorientação dessa projeção marcada por <ji> (chuva) e <a> (falta).

Desse modo, na construção enunciativa e retomando nosso enunciado de partida, <Nu e do ɔ, e wε nɔ wu> o que possibilita a existência do <Nu semeável> é wε. O que nasce não é o que eles semeiam. É o que nós semeamos. Wε projeta uma possível existência de uma ocorrência de <nu>. Wε marca uma identificação de uma ocorrência Y tendo como espelho ou suporte a ocorrência X. No caso presente, temos uma tentativa (um projeto) de retomada da existência da ocorrência <nu> existente na primeira relação do enunciado, <Nu e do ɔ>. Na segunda relação do enunciado, <e wε nɔ wu> esta ocorrência aparece como uma nova ocorrência que na verdade é, e se apresenta como uma continuidade da primeira ocorrência que já foi no passado. Este não é o caso. Porque, aqui, há uma descontinuidade da ocorrência <nu>. A coisa semeada não é mais a mesma. Assim, wε não retoma exatamente o que já ocorreu.

**Enunciado 2:** Kpo e do me'si ɔ wε e nɔ hu dan na = Matar a cobra e mostrar o pau (PB).

É o bastão que nós temos, é com este bastão que nós matamos a cobra (TL).

A partir desse enunciado (2), podemos ter, a seguir, as léxis ou as noções em relação:

Λ1 - <Alguém> <ter> <alguma coisa>.

Λ2 - <Alguma coisa> <matar> <por alguém>.

Nesse enunciado, o projeto de existência de <alguém teve alguma coisa> remete ao pré-construto <alguma coisa morta por alguém>. Na retomada enunciativa é localizado pelo wε em relação a <hu> (matar). A partir da léxis <Alguém ter alguma coisa>, vejamos as seguintes paráfrases:

(2a) Kofi do kpo do ɔ tɔn sa (Kofi tem um bastão no seu quarto).

(2b) Kofi do kpo do ɔ tɔn sa a (Kofi não tem um bastão no seu quarto).

(2c) Kpo e do me'si ɔ wε e nɔ hu dan na (é o bastão que nós temos, é com este bastão que nós matamos a cobra).

(2d) Kpo e do me'si ɔ wε e nɔ hu dan na a (o bastão que nós temos, não é com ele que nós matamos a cobra).

Retomando ao nosso enunciado de partida, a apreciação do sujeito, as marcas modais e aspectuais que são inseridas na situação enunciativa orientam a representação para sua possível existência de <kpo> (bastão), validada em (2a) <alguém ter alguma coisa>. Em contrapartida, em (2b), essa existência não é validada. O que bloqueia a existência de <kpo> (bastão) é a marca de negação <a>.

Em (2c), temos uma projeção do resultado previsto de <do> (ter) que nos leva a <hu> (matar). A existência da primeira relação <Kpo e do me'si ɔ> (é o bastão que nós temos) não constitui pelo visto um

obstáculo para a segunda relação <wε e nɔ hu dan na> (é com este bastão que nós matamos a cobra). As duas relações se estabelecem uma causa e efeito. A segunda relação dá a realização de um efeito favorável. A partir do marcador wε, o sujeito enunciador identifica a ocorrência <kpo> (bastão) que já foi determinada e localizada em relação ao contexto enunciativo anterior. Em outras palavras, wε de um modo semelhante ao anafórico, construído pelo sujeito enunciador marca a identificação de <kpo> com uma categorização qualitativa de <alguém teve alguma coisa>. De <ɔ> (ter) para <hu> (matar) passamos de <kpo> (ser P) localizado, quer dizer de um estado das ocorrências nas quais <kpo> não é o caso para um estado das ocorrências nas quais <kpo> é o caso. Logo <kpo> tem todas as propriedades de <ser kpo>. Atingiu a re-identificação com P <kpo> (bastão). Não obstante, em (2d), a existência da primeira relação está comprometida pela presença da segunda relação < wε e nɔ hu dan na a > por causa da modalidade negativa marcada por <a>. Apesar desse obstáculo para estabilidade, podemos estabelecer uma relação entre <Kpo, ɔ, hu dan> (bastão, ter, matar, cobra).

Vejamos as paráfrases a seguir:

(2e) Kpo e ɔ mɛ'si ɔ wε e nɔ hu dan na a ɔ kpo nyi akɔnkpinkpan a (o bastão que nós temos não é com este bastão que nós matamos a cobra, porque ele não é coragem).

(2f) Kpo e ɔ mɛ'si ɔ wε e nɔ hu dan na a ɔ syen a (o bastão que nós temos não é com este bastão que nós matamos a cobra porque ele não é rígido).

Deste modo, nota-se em (2e), uma relação de diferenciação entre <ser kpo> (ser bastão) com a noção <ser akɔnkpinkpan> (ser coragem) marcada pela negação “a”. Isto é, em (2e) tem-se um <ser kpo> (bastão) projetado para <ser akɔnkpinkpan> (coragem), mas, na retomada enunciativa é bloqueada pela marca de negação “a”. Então, tem-se um <ser X> que não é um <ser Y>. É essa relação que bloqueia o estado resultante <hu> (matar). A marca < akɔnkpinkpan > (coragem) favorece o estado resultante projetado.

Em (2f), observa-se que <alguma coisa> tem as propriedades de <ser possível>, <ser kpo> um bastão. O que está em jogo é diferente do que está em (2e). À vista disso, o que bloqueou o estado resultante é a marca <syen> (rígido) relacionada com a marca de negação <a> (não). O <kpo> daquele se trata não é um <kpo> qualquer. Então, tem <kpo> e <kpo> em um domínio de ocorrências. Nota-se, que a ausência de <syen> (rígido) é responsável pela não validação da existência de <kpo> na retomada enunciativa. Percebe-se, na realidade, uma reorientação dessa projeção marcada por <syen> (rígido) e <a> (não).

**Enunciado 3:** Nabi e do su mɛ ɔ, e wε e nɔ bɛ = Quando a gente guarda, a gente tem (PB)

A quantia que nós guardamos é essa quantia que nós recolhemos (TL).

A partir desse enunciado (3), podemos ter, a seguir, as léxis ou as noções em relação:

Λ1 - <Alguém> <guardar> <alguma coisa>

Λ1 - <Alguma coisa> <recolher> <por alguém>

O verbo <do> (guardar), remete à “preservação de algo” pelo sujeito. Em relação a esse sujeito, delimita-se um espaço enunciativo. Com efeito, o verbo <do> marca a introdução de <alguma coisa> (um objeto simbólico) no espaço enunciativo delimitado pelo sujeito para o qual o verbo remete. *Wε* se identifica com <alguma coisa> (ocorrência de *nabi*) cuja existência na sua tentativa está sendo recuperada num dado espaço enunciativo particular em relação a <βε> (recolher). Partindo da léxis: <Alguém guardar alguma coisa>, vejamos as seguintes paráfrases:

(3a) Felipe do sun zan fifo kwε tɔn do akwε sɛxwe tɛn (Felipe guardou o seu salário no banco).

(3b) Felipe do sun zan fifo kwε tɔn do akwε sɛxwe tɛn a (Felipe não guardou o seu salário no banco).

Em (3a), observa-se que o projeto de existência <alguém guardou alguma coisa> é validado. Assim sendo, Felipe como sujeito que possui todas as propriedades de poupador <do> (guardar)<sup>122</sup> e <sun zan fifo kwε> (salário) como o que pode ser guardado ou poupado pelo sujeito (Felipe). Com base no enunciado (3a), tem-se um estado resultante contrário ao enunciado (3b) no qual a negação “a” constitui um obstáculo para validação de existência de <alguém guardou alguma coisa>.

Apoiando-se no nosso enunciado de partida, vejamos os seguintes exemplos:

(3c) Akwε un do akwε sɛxwe tɛn, e wε un βε (o dinheiro que guardei no banco é este dinheiro que recolhi).

(3d) Akwε um do akwε sɛxwe tɛn, e wε e βε a (o dinheiro que guardei no banco não é este dinheiro que recolhi).

No enunciado (3c), temos duas léxis ou relações predicativas colocadas em contato:

Λ1 - <alguém guardar dinheiro no banco>

Λ2 - <alguém recolher esse dinheiro>

Considerando uma orientação dos termos dessas duas léxis numa relação predicativa, tem-se uma relação causa e efeito. A segunda relação predicativa é a consequência positiva da contingência inicial. Já que temos uma projeção de resultado previsto de <do> guardar nos permite de chegar a <βε> (recolher). Na primeira relação <alguém guardou dinheiro no banco> o sujeito enunciador constrói a existência da ocorrência <dinheiro> introduzido num espaço enunciativo. Nesse caso, o marcador *wε*, no processo de tematização, indica uma identificação da ocorrência abstrata <akwε> (dinheiro) que em

<sup>122</sup> No sentido de poupar.



primeiro momento é localizada em relação a si mesmo e localizada em relação ao seu complementar. Na segunda relação do enunciado (c), temos uma flechagem dêitica. Nós temos um tipo de filtragem. Não é um qualquer <akwε> (dinheiro) que alguém outro guardou. *É meu. Este é* o dinheiro que guardei. Portanto, há um percurso do domínio que não expressa nenhuma rejeição da qualidade de <akwε> (dinheiro) específica. *We* particulariza <akwε>. No enunciado (3d), a segunda relação encontrou um obstáculo por causa da marca <a>. O que é interessante do enunciado (1) até aqui é que o *wε* não é influenciado pela modalidade negativa em sua projeção das ocorrências já determinadas.

Vejam as paráfrases a seguir:

(3e) Akwε un do su mε, e wε um be a dό e sukρ> (o dinheiro que guardei, não é ele que recolhi porque é muito).

(3f) Akwε un do su mε, e wε um be a dό e nyi akwε jc akwε a (o dinheiro que guardei, não ele que recolhi porque não é dinheiro de verdade (quantidade desfavorável)).

No enunciado (3e), nota-se uma diferença entre <ser akwε> (ser dinheiro) e <ser akwε sukρ> (ser muito dinheiro). Não se trata de dinheiro qualquer. Essa diferenciação de que se trata se situa entre <ser akwε> e <ser sukρ>.

O enunciador, construindo a ocorrência de <akwε> o determina de acordo com um espaço-tempo enunciativo. A existência de <akwε> é determinada em relação a si mesma. Já que o enunciador, em relação ao seu co-enunciador, mostra a inexistência da ocorrência construída no início que não pôde atingir o alto grau previsto por ele. O que explica o fato de que ele primeiro determina <akwε> (dinheiro) em relação a <akwε> (dinheiro) e depois <akwε> (dinheiro) em relação a <sukρ> (muito) assim <akwε sukρ> que deveria ser a condição final e favorável para <ser recolhido> ou <ser retirado>.

Além disso, <sukρ> (muito) se apresenta como um <obstáculo> no caso do que pode ser <akwε recolhido>. A influência de <sukρ> na existência de <akwε> torna <akwε> uma ocorrência inexistente. Esta é uma avaliação e uma diferenciação entre <akwε> (dinheiro) e <akwε sukρ> (muito dinheiro). Logo, se trata do que é <akwε> em sua composição existencial e <akwε> em sua tipificação particular.

Assim, podemos ter <akwε kpevi> (pouco dinheiro), o que também pode deixar o enunciador indeciso por causa de <kpevi> (pouco). Desse modo, há um emaranhado entre a quantificação e a qualificação de <akwε>. Este emaranhado entre Qnt e Qlt mostra que o enunciador gostaria de uma outra quantidade de <akwε> (dinheiro) além desta quantidade existente e localizada.

Dessarte, a modalidade negativa vem reforçar sua vontade diante deste dinheiro que ele tem <do akwε sexwe ten> (guardar no banco). Ele poderia expressar sua vontade sobre a quantidade de <akwε> (dinheiro) que ele deseja. Queremos dizer uma “redeterminação”. Neste jogo intersubjetivo, o marcador *wε* por um jogo quase anafórico contextualizado faz a projeção, ou seja, uma descontinuidade de forma contínua da ocorrência localizada à esquerda para direita (da primeira relação para a segunda relação). Em seu jogo, ele passa pelo meio da operação de varredura, todo o domínio nocional e depois favorece a estabilização da relação após a identificação e diferenciação das ocorrências de forma singular.

No enunciado (3f), tem-se na primeira relação <Akwe un do su me>, <alguém guardar alguma coisa>. Na segunda relação tem-se <e we um be a dó e nyi akwe jo akwe a>, <alguma coisa abandonar por alguém>. A segunda contesta a estabilidade do evento enunciativo. Normalmente, se há conservação deve haver coleta. A coleta é o que valida a existência da conservação. Neste enunciado (3f) não é o que acontece.

Em primeiro lugar, o marcador *we* projeta a existência de uma ocorrência localizada e situada na primeira relação predicativa em forma de nominalização. Nessa projeção, a segunda relação impede que a primeira relação ocorra. Neste processo enunciativo, o enunciador tenta retomar a ocorrência <akwe> e depois a coloca em um contexto onde sua estabilidade em si não prejudica as condições necessárias para a estabilidade da existência da primeira relação. Pois, a estabilidade de <alguém guardou alguma coisa> deve favorecer a existência de <akwe recolhido>. Mas o que constitui o obstáculo é encontrado na própria relação dois <akwe jo akwe> marcado pela negação <a>. obtemos uma rejeição do domínio, <não verdadeiramente akwe>. Nós estamos totalmente no exterior do domínio nocional de <akwe>.

Desse modo, na construção enunciativa e tomando agora nosso enunciado de partida, o *we* projeta uma possível ocorrência de <akwe> em um tempo e espaço T2 como alguma coisa que pode ser recolhida.

### 3.3 Síntese Conclusiva das Análises

Em relação aos enunciados analisados, observamos que o *we* estudado num conjunto de operações permite ou favorece a projeção de uma possível ocorrência X do passado cujos enunciadores têm ciência. *We* marca uma identificação de uma ocorrência Y tendo como espelho ou suporte a ocorrência X. Observamos isso a partir do enunciado (1) *Nu e do ɔ, e we no wu* (a coisa que nós semeamos, é ela que nasce)<sup>123</sup>. Temos uma tentativa (um projeto) de retomada da existência da ocorrência <nu> (coisa)<sup>124</sup> existente na primeira relação do enunciado, <Nu e do ɔ>. Na segunda relação do enunciado, <e we no wu> esta ocorrência aparece como uma continuidade da primeira ocorrência que já foi no passado. O que não é o caso. Porque há uma descontinuidade da ocorrência <nu> que não é exatamente o que *we* retoma. De fato, o que *we* retoma é uma nova ocorrência diferente da primeira. No caso do enunciado (1), a coisa semeada não é mais a mesma coisa na segunda relação. Não é mais uma coisa semeada (ela conheceu uma metamorfose), mas sim uma coisa crescente localizada em um espaço-tempo específico.

Ademais, observamos que *we*, permite ao sujeito enunciador de passar pela identificação de uma ocorrência como o caso de <kpo> (bastão) que já foi determinada e localizada em relação ao contexto enunciativo anterior. Também, *we* se apresenta como os traços de uma modalidade temporal passado. Em outras palavras, *we* na sua projeção anaforicamente construída pelo sujeito enunciador marca a identificação de uma coisa<sup>125</sup> com uma categorização qualitativa de <alguém teve alguma coisa>. De um estado das ocorrências nas quais uma coisa não é o caso para um estado das ocorrências nas quais a coisa é o caso.

123 O equivalente a este provérbio em brasileiro é: Você colhe aquilo que planta.

124 Um nominal.

125 O caso de <kpo> (bastão).

### 3.4 Outros Aspectos

Nosso objetivo inicial era estudar o *wε* como um marcador de operação de flechagem. Em vista de nossas análises, assumimos estar agora lidando com outros aspectos bastante relevantes no processo de apreensão dessa unidade<sup>126</sup> que resulta da atividade da linguagem. Retomando os enunciados analisados e observando-os, temos o seguinte.

#### 1° caso

*Nu e do ɔ, e wε nɔ wu.*

É a coisa que nós semeamos, é esta coisa que nasce.

Com base nesse enunciado, temos:

<∅ - do - nu> (∅ - semear - coisa)                      ⇕    *wε*  
< nu - wu - nu > (coisa - nascer - coisa)

Vejam as paráfrases seguintes:

*“Nu mitɔn mi do ɔ, e wε wu”* (A nossa coisa que semeamos, é ela que nasceu).

*“Nu mi do ɔ, mitɔn wε wu”* (A coisa que semeamos, é a nossa que nasceu).

*“Nu eb wε mi do. E wε wu”* (Esta é a coisa que nós semeamos. É ela que nasceu).

#### 2° caso

*Kpo e do mε'si ɔ, wε e nɔ hu dan na.*

É o bastão que nós temos, é com este bastão que nós matamos a cobra.

Apoiando-se neste enunciado temos as lexis seguintes:

< *Mε' - do - Kpo* > (nós - ter - bastão)                      ⇕    *wε*  
< *Kpo - hu - dan* > (bastão - matar - cobra)

A segunda ocorrência de /kpo/ localiza /dan/. Vejam as seguintes paráfrases:

*“Kpo e hun dan ɔ mitɔn wε”* (O bastão que matou a cobra é o nosso).

*“Kpo mitɔn wε hu dan ɔ”* (Nosso bastão é o que matou a cobra).

*“Kpo mitɔn eb wε, kpo dεe hu dan ɔ”* (Este é o nosso bastão, o bastão que matou a cobra).

*“Kpo dε hun dan wε. Mitɔn wε”* (Este é o bastão que matou a cobra. Ele é nosso).

Observando o funcionamento do *wε* através os enunciados e as paráfrases construídas, notamos que *wε* arremessa uma dada unidade linguística tanto em contexto de esquerda quanto de direita. Ele é marca de uma operação de localização que, ao menos nas traduções para o Português do Brasil (PB), se configura de modos diferentes. Vejamos que no Português essa operação se representa por um pronome, um adjetivo, um determinante, por um possessivo, por um verbo, por um relativo.

<sup>126</sup> O *wε*

Observando *wε*, vemos que se refere diretamente ao ato e às circunstâncias do enunciado. Portanto, concordamos que qualquer unidade que apareça em uma construção enunciativa tem necessariamente pelo menos um valor referencial estabelecido pelo(s) enunciator(es) com referência a sua situação como enunciator(es) e ao texto. De acordo com o exemplo seguinte:

*“Kpo dε hun dan wε. Mitɔn wε”* (Este é o bastão que matou a cobra. Ele é nosso).

No enunciado acima, há um tipo de filtragem que parece bastante interessante. Entre todos os bastões possíveis matadores de cobra há um e somente um que matou uma cobra específica, uma cobra que os sujeitos da enunciação conhecem. São esses mesmos sujeitos que conhecem a cobra, agora morta, que possuem o bastão. Para se chegar à derradeira ocorrência de bastão (o nosso e que matou a cobra) passou-se por todas as outras ocorrências de bastão para que fosse negada. Não é o deles, não é aquele, é o nosso <*mitɔn wε*>. Estamos diante de uma individuação, então. Quem se responsabiliza por ela é o *wε*. A determinação (determinação qualitativa,) de /bastão/ é o que o permite ser realocado no enunciado de modo que se garanta a mesma noção.

Entendamos, portanto, que existe uma identificação em relação ao referencial de origem. O localizador *wε* re-particulariza <*kpo*> (bastão). Mas <*kpo*> já auto-definido, respondendo à pergunta: *Kpo dεtε wε hu dan na?* Qual é o bastão que matou a cobra? Cujas respostas são: Este bastão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há linguística sem observações profundamente detalhadas; não há observações sem teoria dos observáveis; não há observáveis sem problemática; não há problemática que não leva aos problemas; não há problemas sem busca de soluções; não há soluções sem raciocínio; não há raciocínio sem sistema de representação metalinguística; não há sistema de representação metalinguística sem operações, em particular sem categorização; não há categorização sem transcategorialidade. (CULIOLI, 1999b, p. 66).

Neste trabalho, procuramos apreender o funcionamento do  $w\epsilon$ , uma unidade da língua *fɔn* de Benim. Como “não há observação sem teoria dos observáveis”, como destaca Culioli (199b), proponente da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Tivemos como objetivo principal descrever o  $w\epsilon$ , como um marcador de operações enunciativas. Salientamos que, um marcador (não no sentido de um rótulo, mas como uma operação ou possivelmente um marcador de polioperação) deve levar a uma representação formal com características estáveis e controláveis. É a partir desta representação formal, que se formam formas adicionais que são, de fato, deformações da forma básica. A questão é compreender a organização destes dispositivos deformáveis (CULIOLI, 1990).

Considerando que  $w\epsilon$  é um marcador em *fɔn*, partimos da hipótese de que se trata de um marcador de (re)identificação contextual ou situacional. Esta (re)identificação, torna possível realizar a operação de flechagem sobre um outro marcador no processo de construção do enunciado *fɔn*.

Para tanto, estruturamos nossa reflexão em três seções.

O capítulo 1 foi dedicada às pesquisas já realizadas acerca do  $w\epsilon$ . Descrevemos as pesquisas e publicações de Fadaïro (2001), Avolonto (1992), Fabb (1992), Kinyalolo (1992), Ndayiragije (1992), e, por fim a de Lefebvre (1991).

Partindo das descrições de Fadaïro (2001), que aponta que  $w\epsilon$  intervém na construção da temporalidade progressiva, como faz Avolonto (1992), estas afirmações nos interpelam e exigem mais atenção. Da mesma forma, Fabb (1992), tomando  $w\epsilon$  como uma marca verbal que projeta o futuro, deve ser tratada com especial atenção.

A gramática estrutural na qual todas essas pesquisas foram inscritas não explicam com o maior detalhe como as ocorrências de  $w\epsilon$  são construídas e participam da construção do sentido dos enunciados nos quais são parte integrante. De acordo com os diferentes resultados obtidos por esses pesquisadores as ocorrências do  $w\epsilon$  são tomadas em categorias estáticas, fixas e sem um certo dinamismo. Temos, ao invés de formas deformáveis, um conjunto rígido que proibiria a variação e o ajuste. (CULIOLI, 1999a).

Para tal fim, tomamos por fundamento teórico-metodológico, a teoria dos observáveis, uma abordagem construtivista que articula o intersubjetivo e o heterogêneo através de uma metalinguagem coerente, explícita e objetiva.

No capítulo 2, discutimos os pressupostos teóricos da TOPE. Como tal, tivemos de destacar alguns conceitos básicos (línguas e linguagem, enunciado, léxis, relação primitiva) que foram necessários

para nosso trabalho sem tentarmos nos engajar em uma apresentação exaustiva do TOPE - o que não é o propósito desta pesquisa.

O capítulo 3 foi estruturada em quatro partes. Em termos de procedimentos metodológicos, primeiro apresentamos a constituição de nosso *corpus* de pesquisa e a forma como conduzimos as nossas análises. Tendo como hipótese  $w\epsilon$  como marcador de operação de flechagem, parafraseamos, glosamos os diferentes enunciados do *corpus* construído para ver o movimento que ele realiza de acordo com os diferentes contextos de sua aparência, quer dizer como ele se estabiliza. Observamos como ele se estabiliza temporariamente em um determinado espaço-tempo no processo de construção do sentido em relação às outras unidades do ambiente enunciativo, no qual também se inscreve temporariamente em relação a experiência de sujeito.

Como resultado, descobrimos que  $w\epsilon$  não marca uma flechagem estritamente falando. O marcador  $w\epsilon$  projeta uma possível existência de uma ocorrência de alguma coisa. Ele marca uma identificação de uma ocorrência Y tendo como espelho ou suporte uma ocorrência X. Em um enunciado composto de duas relações predicativas, o marcador  $w\epsilon$  na segunda relação parece ser a continuidade de uma ocorrência existente na primeira relação. O que, após das nossas análises, não é o caso. O marcador  $w\epsilon$  marca assim uma descontinuidade da primeira ocorrência que parece representada na segunda relação. Assim,  $w\epsilon$  não retoma exatamente o que já ocorreu.

Outrossim, observamos que em uma relação predicativa, o marcador  $w\epsilon$  é um localizador que arremessa uma dada unidade linguística tanto em contexto de esquerda quanto de direita, e, particulariza a existência de uma ocorrência em relação ao referencial de origem.

De acordo com nossa hipótese inicial, dada uma primeira ocorrência (que deduz a existência de uma forma quantitativa, em outras palavras, na forma de uma extração) seguida de uma segunda de duas coisas, uma: seja a segunda ocorrência se refere a uma outra ocorrência que não é a primeira, ou se refere à mesma ocorrência e é, por conseguinte que o enunciador identifica a segunda ocorrência com a primeira. É neste segundo caso que se constitui e se confirma a flechagem (CULIOLI, 1990, p. 182). Afirmando isto, assumimos, logo, que a flechagem é um fenômeno que é contextual - queremos dizer endofórico, mais especificamente anafórico - no sentido de que se refere a uma propriedade definida que se situa no contexto esquerdo e que é objeto de uma retomada (GIANCARLI, 2004). No caso de nossos enunciados, observamos que  $w\epsilon$  não retoma estritamente, na sua estabilização, uma ocorrência existente. Mas oferece, um horizonte para uma possível existência de uma ocorrência X.

Por fim, nosso maior desejo é ver nossa pesquisa desempenhar o papel de uma corda antiga da qual extremidade, novas cordas podem ser tecidas, novas inspirações, novas maneiras de observar observáveis - novos trabalhos no processo de apreensão dos fenômenos linguísticos. Que estes borrões inesperados, por menores que sejam, sejam considerados como os primeiros erros.

## REFERÊNCIAS

- AVOLONTO, A. **Aspp et la catégorie Infl en FONGBE**. Journal of West African Languages XXII, 1, 1992.
- CALVET, Jean-Louis. **La Sociolinguistique**. Collection Que sais-je ? 2017.
- CHUQUET, H. ; CHUQUET, J. ; GILBERT, E. **Glossaire français-anglais de terminologie linguistique, Théorie des Opérations Énonciatives : définitions, terminologie, explications** p.2
- CULIOLI, A. **Linguistique du discours e et discours sur la linguistique**. Département de Recherches Linguistiques, Paris VII, p. 486.
- CULIOLI, A. **Notes du séminaire de D.E.A .- 1983-1984**. Paris 7, 1985.
- CULIOLI, A. PAILLARD, D. **A propos de l'alternance imperfectif/perfectif dans les énoncés impératifs**. Revue des études slaves, Tome 59, Fascicule 3 : En hommage à Jacques VEYRENC études de linguistiques slave pp. 527-534.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel**. Paris: Ophrys, 1990 (Tome 1).
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage**. Paris: Ophrys, 1999a (Tome 2).
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations**. Paris: Ophrys, 1999b (Tome 3).
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: tours et détours**. Limoges: Lambert Lucas, 2018 (Tome 4).
- CULIOLI, A. **Rapport sur un rapport**, Rapport n°1, Paris 7.
- CULIOLI, A. **Variations sur la linguistique**. Édition Arc-en-ciel. Entretiens avec Frédéric Fau. Notes de Louise Sarica. Paris: Klincksieck, 2010.
- DUCARD, Dominique. **La formalisation dans la théorie des opérations énonciatives : formes, formules, schémas**. Dossiers d'HEL, SHESL, Écriture(s) et représentations du langage et des langues, 9. Pp.113-122. 2016.
- FABB, N. **The licensing of fon verbs**. Journal of West African Languages XXII, 1, 1992.
- FADAÏRO, D. **Parlons fon\_langue et culture du Bénin**. L'Harmattan, 2001.
- FRANCKEL, J.-J. **Activité du langage, diversité et singularité des langues de Antoine Culioli**. Texto de apoio – 2° Aula. Universidade Federal de São Paulo, 2020.
- FRANCKEL, J.-J. **De l'interprétation à la glose: vers une méthodologie de la reformulation**. 2004.
- FRANCKEL, J.-J. **Situation, contexte et valeur référentielle**. Pratiques : linguistique, littérature, didactique n°129-130, 2006.

- FRANCKEL, J.-J., PAILLARD D. **Aspects de la théorie d'Antoine Culioli** : *Langages*, 32<sup>ème</sup> année, n°129, 1998. Diversité de la (des) science(s) du langage aujourd'hui, pp52-62
- FRANCKEL, Jean-Jacques. **Situation, contexte et valeur référentielle**. Pratiques: linguistique, littérature, didactique, n°129-130, 2006. pp. 51-70.
- FUCHS, C. **La paraphrase entre la langue et le discours**. In: *Langue française*, n°53, 1982. La vulgarisation. pp. 22- 33.
- FUCHS, Cathérine ; LEONARD, Annemarie. **Vers une théorie des aspects, les systèmes du français et de l'anglais**. Compte rendu de Delaveau Anne, 1979.
- GRESILLON, Almuth; LEBRAVE, Jean-Louis; CULIOLI, A. **Toute théorie doit être modeste et inquiète**, Genesis [En ligne], 35 | 2012, mis en ligne le 15 novembre 2014, consulté le 01 mai 2019. URL: <http://journals.openedition.org/genesis/1071> ; DOI : 10.4000/genesis.1071
- GIANCARLI, P.-D. **"Le fléchage (spécifique et générique) : opération seconde ou opération double ?"**, Cycnos, Volume 18 n°2, mis en ligne le 15 juillet 2004, consulté le 27 décembre 2020. URL: <http://revel.unice.fr/cycnos/index.html?id=44>
- INALA. **Alphabet des Langues Nationales Béninoises**. Dépôt légal n°6175, 3<sup>ème</sup> trimestre, Bibliothèque nationale, 2012.
- KINYALOLO, K. K. W. **A note on word order in the progressive and prospective in fon**. *Journal of West African Languages* XXII, 1, 1992.
- LEFEBVRE, C. **On the distribution of clausal we in fongbe**. *Journal of West African Languages* XXI, 1, 1991.
- NDAYIRAGIJEE, J. **Structure syntaxique des clivées en fon**. *Journal of West African Languages* XXII, 1, 1992.
- PRIA, A., D. **A especificidade linguística e não linguística em articulação com a atividade de linguagem**. Santa Cruz do Sul, v. 38, n.64, p. 50-65, jan./jun.2013.
- REZENDE, L. M. **Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais**. 320 f. Tese (Livre docência) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.
- ROBERT, S. **Système et énonciation en wolof**. 380 f. Tese (doutorado) – Université Paris 7, 1989.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Arbre d'Or Genève, août 2005.
- VIGNAUX, G. Entre linguistique et cognition des problématiques de l'énonciation à certains développements tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli. In BOUSCAREN, J., FRANCKEL, J.-J. ; ROBERT, S. **Langues et langage**. Problèmes et raisonnement en linguistique. Paris: PUF, 1995. p. 565-582.



## SOBRE O AUTOR



### SYLVAIN ANAGONOU

Natural do Benin - África, possui bacharelado em Letras e Línguas (2012), graduação em Linguística (2016), Especialização em Didática das Línguas (2016) pela Universidade de Abomey-Calavi, UAC, Benin. Possui Mestrado em Linguística (2021) pelo Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT). É doutorando em Linguística também pelo PPGL/UNEMAT e desenvolve pesquisas subsidiadas pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli. É Fundador do Centro de Apropriação das Línguas (CALang) - COTONOU nº RCCM RB/ABC/18 A 9373, onde desenvolve atividades de ensino e pesquisas nas áreas de Linguística, Ensino-Aprendizagem das Línguas Nacionais Beninenses e Língua Francesa.

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
Carlos Alberto Reyes Maldonado

  
EDITORA  
UNEMAT